

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA – SEDE CENTRAL
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

LOHANN KUNDRO CORDEIRO

**MATERIAL INFORMATIVO: A UMBANDA COMO RELIGIÃO E
IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2019

LOHANN KUNDRO CORDEIRO

1618598

**MATERIAL INFORMATIVO: A UMBANDA COMO RELIGIÃO E
IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso, do
Curso Superior de Tecnologia em Design
Gráfico do Departamento Acadêmico de
Desenho Industrial – DADIN – da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná – UTFPR, como requisito parcial
para obtenção do título de Tecnólogo.

Orientador: Prof^a. MSc. Daniela Fernanda
Ferreira da Silva

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 106

MATERIAL INFORMATIVO: A UMBANDA COMO RELIGIÃO E IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

por

Lohann Kundro Cordeiro – 1618598

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 03 de julho de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O aluno foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora: Profa. Simone Landal (MSc.)
Avaliadora Indicada
DADIN – UTFPR

Profa. Lindsay Cresto (MSc.)
Avaliadora Convidada
DADIN – UTFPR

Profa. Daniela Fernanda Ferreira da Silva (MSc.)
Orientadora
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meu pais que me possibilitaram a perspectiva de realizar um curso superior, além de todos os meus amigos que me incentivaram e deram amparo durante o processo de desenvolvimento do projeto, principalmente o Julio Teodoro que me instruiu muito em momentos difíceis.

Agradeço à professora Waleska Chagas Pacheco que iniciou o processo de desenvolvimento comigo e me deu muito apoio perante às dificuldades pessoais, e também à professora Daniela F. F. da Silva que aceitou dar continuidade à orientação em um curto prazo de tempo.

Também a todos os artistas que contribuíram com seus trabalhos para tornar possível a realização da revista: Mônica Lachman, Fabiano Vianna, Rodrigo Gonçalves, Rony Hernandes, Thiago Galileu, Daniel Rebello, Bruno Romã, Jean Felipe Schwab e Rodrigo Nickel.

Além dos artistas, sou grato a todos os intermediadores, como o Matheus Braga da banda Paranambuco, o Ewerton Lourenzo com o projeto Mamba Curandeira, à Lucília Guimarães do Terreiro do Pai Maneco e também ao Victor Chico que ofereceu indicações muito úteis.

RESUMO

CORDEIRO, Lohann K. **MATERIAL INFORMATIVO: A UMBANDA COMO RELIGIÃO E IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA.** Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

Este trabalho apresenta o processo de desenvolvimento de criação de uma revista informativa sobre umbanda, denominada Aí, ó. Como propósito o projeto busca oferecer acesso à uma fácil informação sobre o assunto retratado, tendo o intuito de afirmar a religião umbanda como parte da identidade nacional brasileira, bem como combater o preconceito religioso em relação às religiões afro-brasileiras. O desenvolvimento se dá através da pesquisa dentro da bibliografia umbandista, tanto do ponto de vista religioso quanto sociológico, além de retratar aspectos metodológicos de design editorial para a representação do conteúdo em forma gráfica.

Palavras-Chaves: umbanda, revista, design editorial, religião, identidade brasileira.

ABSTRACT

CORDEIRO, Lohann K. **INFORMATIVE MATERIAL: UMBANDA AS A RELIGION AND BRAZILIAN NATIONAL IDENTITY.** Course Completion Work – Superior Course in Technology in Graphic Design, Federal University of Technology - Paraná, Curitiba, 2019.

This paper presents the development process of an informative magazine about umbanda, titled *Aí, ó*. As its purpose, the project seeks to provide access to easy information on the chosen subject, intending to affirm the Umbanda religion as a part of the Brazilian national identity, as well as to combat religious prejudice in relation to Afro-Brazilian religions. The development takes place through research within Umbandist bibliography, both from a religious and sociological point of view, as well as portraying editorial design methodological aspects for the representation of content in graphic form.

Keywords: Umbanda, magazine, editorial design, religion, Brazilian identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Origens da Umbanda	16
Figura 2 - Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda.....	17
Figura 3 - Capa do livro “Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda”	18
Figura 4 - Zélio Fernandino de Moraes	20
Figura 5 - Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade	21
Figura 6 - Capa número 74 do “Jornal de Umbanda”	24
Figura 7 - Santuário Nacional da Umbanda	26
Figura 8 - Capa do livro “A Umbanda no Brasil: Orientação para Católicos”	27
Figura 9 - Classificação dos Umbandistas	30
Figura 10 - Capa do livro "O Guardião da Meia-Noite"	31
Figura 11 - Bandeira da Umbanda	38
Figura 12 - Orixá Oxalá	41
Figura 13 - Orixá Ogum.....	41
Figura 14 - Orixá Oxóssi	42
Figura 15 - Orixá Xangô	42
Figura 16 - Orixá Oxum.....	43
Figura 17 - Orixá Iansã.....	43
Figura 18 - Orixá Nanã.....	44
Figura 19 - Orixá Iemanjá.....	44
Figura 20 - Orixá Omolu.....	45
Figura 21 - 7 Linhas da Umbanda	46
Figura 22 - Imagem de Oxalá na Umbanda	47
Figura 23 - Imagem de Iemanjá na Umbanda	48
Figura 24 - Imagem de Caboclos na Umbanda.....	48
Figura 25 - Imagem de Cosme e Damião na Umbanda	49
Figura 26 - Imagem de Pretos-Velhos na Umbanda	49
Figura 27 - Imagem de Entidades da Linha Neutra.....	50
Figura 28 - Imagem de Exus e Pombagiras na Umbanda.....	53
Figura 29 - Método de Projeto GODP	58
Figura 30 - Resultado da Pesquisa – Pessoas por Gênero	60
Figura 31 - Resultado da Pesquisa - Pessoas por Idade	61
Figura 32 - Resultado da Pesquisa - Nível de Escolaridade	62
Figura 33 - Resultado da Pesquisa - Umbandistas e Não Umbandistas.....	63
Figura 34 - Resultado da Pesquisa - Nível de Conhecimento sobre Umbanda	63
Figura 35 - Resultado da Pesquisa - O que pode ser ou fazer parte da umbanda. ..	64
Figura 36 - Resultado da Pesquisa - Tipos de Materiais de Interesse	65
Figura 37 - Primeira Seleção de Revistas para Análise	67
Figura 38 - Segunda Seleção de Revistas para Análise	68
Figura 39 - Capa Superinteressante – Paranormais	69
Figura 40 - Exemplo de Diagramação Revista Superinteressante	70
Figura 41 - Capa Mundo Estranho - Sacrifícios Humanos	71
Figura 42 - Exemplo de Diagramação Revista Mundo Estranho.....	72
Figura 43 - Capa Vida & Religião - Santo Sudário	73
Figura 44 - Exemplo de Diagramação Revista Vida & Religião.....	74
Figura 45 - Moodboard.....	77
Figura 46 - Estudo de palavras para nome da revista.....	79

Figura 47 - Esquema de construção do nome.....	80
Figura 48 - Desenvolvimento de marca (01a)	81
Figura 49 - Desenvolvimento de marca (01b)	81
Figura 50 - Desenvolvimento de marca (01c).....	82
Figura 51 - Desenvolvimento de marca (01d)	82
Figura 52 - Fonte Brasileiro.....	83
Figura 53 - Desenvolvimento de marca (02a)	83
Figura 54 - Referência vernacular	84
Figura 55 - Desenvolvimento de marca (02b)	84
Figura 56 - Aplicação de marca em capas	85
Figura 57 - Formato da página	86
Figura 58 - Centro ótico da página	87
Figura 59 - Margens da página	88
Figura 60 - Uso de três colunas	88
Figura 61 - Quatro colunas com larguras diferentes	89
Figura 62 - Comparativo de fontes para corpo de texto	91
Figura 63 - Comparativo de fontes para título, chamadas e vinhetas	91
Figura 64 - Família tipográfica Lato	92
Figura 65 - Relação de cores, orixás e palavras	93
Figura 66 - Elementos de repetição	94
Figura 67 - Alternativas de capa 01.....	95
Figura 68 - Alternativas de capa 02.....	96
Figura 69 - Capa selecionada	97
Figura 70 - Apresentação e sumário	98
Figura 71 - Páginas 4 e 5	99
Figura 72 - Páginas 6 e 7	101
Figura 73 - Páginas 8 e 9	102
Figura 74 - Páginas 10 e 11	103
Figura 75 - Páginas 12 e 13	104
Figura 76 - Páginas 14 e 15	105
Figura 77 - Última capa	106
Figura 78 - Protótipo capa	107
Figura 79 - Protótipo miolo	108
Figura 80 - Protótipo última capa	108
Figura 81 - Aproveitamento de papel	109

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Apeoesp	Associação de Professores do Estado de São Paulo
FEN	Federação Espírita de Niterói
TENSP	Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade
FEUB	Federação de Espiritismo de Umbanda
UEUB	União de Espiritismo de Umbanda
RJ	Rio de Janeiro
CCIR	Comissão de Combate à Intolerância Religiosa
FEU	Federação Espírita Umbandista
Condu	Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda
SP	São Paulo
Fuesp	Federação Umbandista do Estado de São Paulo
Uteusp	União de Tendas de Umbanda do Estado de São Paulo
Uteucesp	União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo
Souesp	Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo
URU	União Regional Umbandista
Fuvap	Federação Umbandista do Vale do Paraíba
FUGABC	Federação Umbandista do Grande ABC
Soucesp	Supremo Órgão de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo
CNBB	Conferência Nacional de Bispos do Brasil
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
DIN	Deustsche Industrie Normunque

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos	12
1.3 JUSTIFICATIVA	13
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	15
2.1 O QUE É UMBANDA?	15
2.2 A FUNDAÇÃO E HISTÓRIA DA UMBANDA DENTRO DE UM AMBIENTE HOSTIL	20
2.3 PRECONCEITO E DESINFORMAÇÃO	32
2.4 TEOLOGIA DE UMBANDA	36
2.4.1 Elementos Simbólicos.....	36
2.4.2 Crenças Umbandistas.....	38
3 METODOLOGIA DE PROJETO	58
3.1 OPORTUNIDADES E PROSPECÇÃO	58
3.2 LEVANTAMENTO DE DADOS.....	59
3.3 ANÁLISE DE DADOS.....	59
3.3.1 Dados de Pesquisa com Público.....	59
3.3.2 Análise de Similares	66
3.4 CRIAÇÃO	75
3.4.1 Moodboard.....	76
3.4.2 Tom e Linguagem.....	77
3.4.3 Nome e Marca	78
3.4.4 Formato	85
3.4.5 Grid e Mancha Gráfica	87
3.4.6 Tipografia	89
3.4.7 Cor.....	92

3.4.8 Elementos de Repetição.....	93
3.4.9 Capa.....	95
3.4.10 Apresentação e Sumário.....	98
3.4.11 Páginas Internas.....	99
3.4.12 Substrato e Acabamentos.....	106
3.5 EXECUÇÃO.....	107
3.6 VIABILIZAÇÃO E VERIFICAÇÃO FINAL.....	109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
5 REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE A – RESULTADO DA PESQUISA – MATERIAL INFORMATIVO: A UMBANDA COMO RELIGIÃO E IDENTIDADE NACIONAL.....	115

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

De acordo com uma matéria feita para a BBC pelo jornalista PUFF (2016) o preconceito religioso é algo muito comum no Brasil quando direcionado a pessoas pertencentes às religiões de matriz africana. Os problemas relacionados a esse preconceito geralmente estão ligados à violência, verbal ou física. Juntamente com essa intolerância, surgem maiores dificuldades para que os religiosos, umbandistas e candomblecistas, consigam manifestar sua fé. Um dos grandes obstáculos é conseguir se afirmar como membro dessas religiões, já que esses segmentos enfrentam fortes oposições de outras religiões em relação à liberdade de religião e até mesmo na legitimidade da sua existência como religião e não apenas como uma doutrina. De acordo com o sacerdote e literário umbandista Cumino (2010), historicamente a umbanda já vivia grande repressão da igreja católica e que posteriormente veio também das igrejas evangélicas e neopentecostais que disseminavam discursos de ódio contra as religiões de matriz africana. Discriminação essa que continua existindo até os dias de hoje.

O preconceito religioso para com a umbanda se dá por alguns determinados fatores segundo o professor e historiador Isaías (1999), sendo alguns deles a diferença de classes e conseqüentemente o racismo. Na formação do Brasil a elite impunha às camadas mais pobres e negras da população uma realidade que não condizia com as suas práticas religiosas. Deste modo qualquer crença que não fosse a normatizada era vista como ilegítima, atrasada e supersticiosa.

O combate à intolerância religiosa relacionada às religiões afrodescendentes é uma preocupação que já busca soluções até mesmo dentro das escolas através da disseminação de informação. De acordo com a professora Melo e o historiador Lira (2017) o aprendizado de cultura e história africana é por lei obrigatória nas escolas. Entretanto, segundo a dupla, a lei não garante a eficiência da sua função, já que o preconceito, o racismo, a formação eurocêntrica e a afiliação político-religiosa de agentes fundamentais na execução do processo interferem radicalmente em sua aplicação.

De acordo com o sociólogo Ortiz (1999) a umbanda é fruto de uma transformação social que acontece no Brasil, trazendo ideias de uma nova sociedade “moderna” brasileira dentro de um novo sistema urbano, industrial e de classes. “A religião umbandista é uma síntese de elementos históricos brasileiros” (ORTIZ, 1999). Para a historiadora Souza (2014) a religião surge em um momento em que o “ser brasileiro” é superestimado em conjunto com a ideia das três raças fundantes do Brasil (índio, negro e branco), pluralizando assim a noção de brasilidade. Entretanto os índices de violência já citados acima não condizem com o ideal criado desta nova visão de sociedade. A falta de informação e busca por conhecimento mina o entendimento sobre a cultura e história afro-brasileira e também a noção de pertencimento da população em fazer parte de uma nação brasileira partilhando do seu multiculturalismo.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é gerar um material impresso que informe de maneira simples e atrativa conteúdos, principalmente gráficos sobre a religião umbanda.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever através da literatura umbandista um conteúdo de fácil assimilação sobre a religião umbanda em seus vários contextos;
- Buscar através de autores da área de design maneiras de estruturar um material gráfico atrativo ao público alvo;
- Enfatizar a contribuição e importância da umbanda no que se diz respeito ao patrimônio cultural imaterial brasileiro;
- Trazer noções de identidade nacional através da umbanda;
- Definir um público-alvo para o material informativo;
- Desenvolver um protótipo do material gráfico resultante deste trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA

O censo de 2010 do IBGE mapeia que menos de 1% da população brasileira declara-se pertencente a alguma religião de matriz africana. Segundo a antropóloga Sonia Giacomini (2015) esses dados não condizem com a realidade, já que incorporado à frequência dos cultos dessas religiões, estão também participantes de outras religiões. Este tipo de situação pode ser problemática no combate à intolerância religiosa existente para com as religiões de matriz africana, já que dificultam a afirmação dessas religiões que apesar de estarem presentes na história do Brasil desde o século XVI, só começam a se consolidar nos últimos 200 anos.

A intolerância religiosa é muito presente no cotidiano das pessoas pertencentes às religiões como umbanda e candomblé. Segundo dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR) mais de 70% dos casos registrados no estado (2012-2015) de atos violentos, abusos e ofensas são contra pessoas vinculadas às religiões de matriz africana.

A umbanda, como patrimônio histórico também não tem seu valor preservado. A notícia do jornal Extra (2015), da Globo, mostra que o prédio onde nasceu a umbanda, em São Gonçalo, foi demolido, não restando nenhuma outra testemunha do nascimento da religião, já que todos os outros locais de relevância para a história da religião também já se extinguíram.

Dentro da política e legalmente as religiões afro-brasileiras também sofrem problemas. Em 2014, uma publicação da Revista Fórum conta que o juiz Eugênio Rosa de Araújo, titular da 17ª vara federal, declarou que umbanda e candomblé não são religiões por não possuírem um texto base como a bíblia, por exemplo. Já na Câmara dos Deputados a bancada evangélica existente também dificulta a luta contra o preconceito. A notícia da Revista Fórum ainda diz que de acordo com um artigo da professora Maria Izabel Azevedo Noronha, presidente da Associação de Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp), a bancada evangélica está tentando excluir da Base Nacional Curricular Comum conteúdos relacionados às religiões de matriz africana e indígena.

De acordo com uma matéria da CBN em 2017 houveram uma série de casos de ataques à terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Os criminosos utilizando de um vocabulário comum aos cultos evangélicos ameaçaram os dirigentes

dos terreiros e os mandaram destruir todas as imagens e objetos dos rituais. De acordo com a matéria tudo indica que haviam lideranças religiosas mandantes aos ataques, mas ainda assim, desde 2012 o estado não condenou nenhum caso de preconceito ou depredação de itens religiosos.

O aprendizado da história e cultura afro-brasileiras dentro das escolas como modo de combater o preconceito torna-se um problema que consiste na discriminação dentro do ambiente escolar, de acordo com os cientistas sociais Bonfim e Nascimento (2017). Deste modo, se prorroga uma permanência do não estudo referentes as questões históricas de cunho afro-brasileiras. Para a dupla de sociólogos mesmo em momentos com a tecnologia avançada capaz de distribuir maiores informações através da internet, os docentes enfrentam dificuldade de combater o preconceito que ainda avança excluindo a aceitação da diversidade, especialmente quando a mídia influencia negativamente o entendimento da população sobre o tema. Para eles o brasileiro participa de uma face cultural afro-brasileira da qual é inegável entender que o combate à intolerância deve fazer parte de sua identidade. Sendo assim, como nação, é necessário conhecer e observar para não se manter alienado a sua própria cultura negando a pluralidade da sua nacionalidade.

De acordo com doutor e mestre em educação Santos (2009), se pode partir de que um dos pressupostos para a intolerância ocorrente no Brasil é a falta de informação e o desconhecimento. O autor afirma que os preconceitos sobre religiões de matriz africana estão intrínsecos dentro mesmo do sistema de ensino onde os próprios educadores disseminam a intolerância por terem suas religiões vindas de um aprendizado considerado normativo e eurocêntrico. Deste modo, faz-se necessário a criação de publicações e pesquisas que envolvam a cultura e história afro-brasileiras.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Com o intuito de criar um material gráfico que aborde a umbanda como religião e parte da noção de identidade brasileira, decorre neste documento diversos assuntos que vão desde a problematização a respeito da intolerância religiosa, o contexto histórico-cultural, e o funcionamento da umbanda como religião nas suas crenças e rituais, até a parte projetual que consiste na própria estruturação do material a ser produzido. O projeto gráfico seguirá por uma metodologia que definirá o design do

material a ser criado com foco no usuário. É através dos passos designados pela metodologia que serão definidos os rumos do projeto seguindo alguns fatores como o levantamento de dados, análise, estudo do material e sua criação protética.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 O QUE É UMBANDA?

O escritor e sacerdote umbandista Cumino (2010) traz uma variedade imensa de definições sobre o que viria ser a umbanda, definições que são feitas desde religiosos até cientistas e estudiosos. O autor explica que a umbanda ainda é uma religião em formação e que existem diversas formas de interpretação, podendo ter como base questões regionais, culturais, políticas, sociais e até econômicas.

Dentro das diversas significações dadas pelo autor, a umbanda pode ser considerada inclusive algo indefinível, seja por ser uma religião que ainda está sendo estruturada, ou por ter um significado que parte para uma explicação - ou a falta dela - astral/espiritual, indo além da capacidade humana de entender.

Mesmo sendo de uma difícil definição é possível tentar entender as diferentes formas de interpretação se pensarmos que a umbanda é o universo (Uno e Diverso, Um e Banda), uma mistura do único com o diverso ao mesmo tempo. É por este fato que ela ganha sete diferentes e maiores origens de acordo com Cumino (2010), entre elas estão: espírita (kardecista), africana, indígena, cristã (católica), mágica, espiritual e mítica, herdando características de cada uma delas (Figura 1).

Figura 1 - Origens da Umbanda



Fonte: o autor (2019).

Nenhuma religião foi formada sem herdar traços de outras religiões, todas tiveram que atribuir a si características advindas de outros cultos e culturas, mesmo que ressignificadas. Com a umbanda não é diferente, a diversidade das suas matrizes é gigante, o sincretismo é sem dúvidas algo determinante nas raízes da umbanda.

Em seu livro Cumino (2010) defende pelo menos 12 tipos diferentes de umbandas que podem ser definidos. É importante entender que apesar da religião umbanda ser apenas uma, as suas variações existem e são importantes para sua filosofia como religião em constante estruturação. Os terreiros são livres para criar seus próprios princípios, de modo que se permita existir variações de rituais e crenças entre eles, entretanto todos devem seguir os fundamentos da religião.

Em 1941 acontece o Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda (Figura 2) que tinha o intuito de reger e definir o que vinha a ser ou não Umbanda. De acordo com Cumino (2010) é a partir de então que se começa a criar uma literatura umbandista em busca de entender e estudar o que validasse a identidade da umbanda independentemente de outras religiões.

Figura 2 - Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda



Fonte: Disponível em <<https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2009/07/03/um-espaco-para-refletir-sobre-a-umbanda-e-seus-fatos-historicos/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Nesse Primeiro Congresso foi reconhecido que haviam várias formas de praticar e entender Umbanda, em razão de que não eram todos que iriam largar suas convicções a respeito da religião para atender as ideias de um terceiro. Ainda assim foram apresentados alguns discursos agressivos que vinham a querer identificar determinados tipos de Umbanda como a “verdadeira”.

Mesmo com algumas críticas devido a articulação de ideias e ideologias a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda elaborou um programa dividido em seis etapas de análise que consistiam em:

- a) História – Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através da antiga civilização [...]
- b) Filosofia – Coordenação dos princípios filosóficos em que se apoia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil.
- c) Doutrina – Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda [...]
- d) Ritual – Coordenação das várias modalidades de trabalho conhecidas, a fim de se proceder à respectiva seleção, e recomendar-se a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as tendas de Umbanda.
- e) Mediunidade – Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns.
- f) Chefia Espiritual – Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similaridade no Espiritismo de Umbanda é “Oxalá”, e o seu Chefe Supremo. (CUMINO, 2010, p. 202)

Após o término do congresso criou-se um livro com o conteúdo teórico das discussões decorrentes dos oito dias de apresentações. O livro leva o mesmo nome

do Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda e tem como autor toda a Federação Espírita de Umbanda. As conclusões do Congresso constam no livro em sete itens diferentes (Figura 3).

PRIMEIRA — O Espiritismo de Umbanda é uma das maiores correntes do pensamento humano existentes na terra há mais de cem séculos, cuja raiz provem das antigas religiões e filosofias da Índia, fonte e inspiração de todas as demais doutrinas religioso-filosóficas do Ocidente;

SEGUNDA — Umbanda é palavra sânscrita, cuja significação em nosso idioma pode ser dada por qualquer dos seguintes conceitos: "Princípio Divino"; "Luz Irradiante"; "Fonte Permanente de Vida"; "Evolução Constante";

TERCEIRA — O Espiritismo de Umbanda é Religião, Ciência e Filosofia, segundo o grau evolutivo dos seus adeptos, estando sua prática assegurada pelo art. 122, I 4.º da Constituição Nacional de 10 de Novembro de 1937 e pelo art. 208 do Código Penal a entrar em vigor em 1.º de Janeiro de 1942, e bem assim o ritual que lhe é próprio, no mesmo nível de igualdade das demais religiões;

QUARTA — Sua Doutrina baseia-se no princípio da reencarnação do espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária;

QUINTA — Sua Filosofia consiste no reconhecimento do ser humano como partícula da Divindade, dela emanada límpida e pura, e nela finalmente reintegrada ao fim do necessário ciclo evolutivo, no mesmo estado de limpidez e pureza, conquistado pelo seu próprio esforço e vontade;

SEXTA — O Espiritismo de Umbanda reconhece que todas as religiões são boas quando praticadas com sinceridade e amor, constituindo-se todas elas em raios do grande círculo universal, em cujo centro a Verdade reside — Deus;

SÉTIMA — O reconhecimento de Jesus como Chefe Supremo do Espiritismo de Umbanda, a cujo serviço se encontram entidades altamente evoluídas, desempenhando funções de guias, instrutores e trabalhadores invisíveis, sob a forma de "caboclos" e "pretos velhos". (Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, 1961, p. 120).

Figura 3 - Capa do livro "Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda"



Fonte: Federação Espírita de Umbanda (1941)

Para Cumino (2010) os congressistas foram um pouco longe demais nas suas pesquisas a fim de tentar trazer uma origem científica para a religião, buscando seu nascimento em diversos lugares, como “na Grécia, no Egito, na Índia, em Lemúria e na Atlântida” (CUMINO, 2010) e desprezando assim a cultura afro que estava sendo vista como baixa cultura. Além disso, para os participantes do congresso era interessante carregar um tom de superioridade para religião, assim conseguiram mascarar-la diante da visão preconceituosa da sociedade.

Nos anos de 1961 e 1973 aconteceram o Segundo e Terceiro Congresso, consecutivamente. Já no primeiro se retificou a primeira e segunda conclusões estabelecidas no Primeiro Congresso, sendo assim, a palavra Umbanda ganha sua origem vinda da língua quimbundo¹.

Cumino (2010) diz que é possível notar uma vontade de organização da religião pelos umbandistas, pois em 1950 quando as federações começam a surgir com maior potência, muitas delas se preocuparam em criar suas liturgias e cultos para que pudessem auxiliar seus filiados. Foi o Pai Ronaldo Linhares da Federação Umbandista do Grande ABC que criou o primeiro curso para sacerdotes da religião, por exemplo, além de também codificar sua liturgia. Assim como ele, várias outras federações seguiram seus passos, como a União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, com Jamil Richard, que criou seu curso de batismo e casamento e Hilton de Paiva Tupinambá, da Soucesp, que organizou um livro de rituais para assessorar seus filiados.

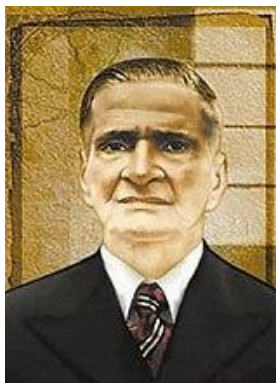
Embora essa tentativa de organização tenha acontecido, a Umbanda teve seu declínio, pois mesmo que o apoio necessário existisse, faltava o cumprimento das codificações por conta dos terreiros, afinal grande parte dos terreiros eram domésticos e não eram filiados a nenhuma federação. Segundo Cumino (2010) faltou um conjunto básico de regras que fosse de concordância de todos, algo que não bloqueasse a liberdade de cada um, mas que cortasse aquilo que fosse exacerbado.

¹ Língua da família banto falada em Angola.

2.2 A FUNDAÇÃO E HISTÓRIA DA UMBANDA DENTRO DE UM AMBIENTE HOSTIL

A religião umbanda nasceu no dia 15 de novembro de 1908 no Rio de Janeiro através do médium Zélio de Moraes (Figura 4) e seu mentor espiritual chamado de Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Figura 4 - Zélio Fernandino de Moraes



Fonte: Disponível em <<https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/historia-da-umbanda-caboclo-das-sete-encruzilhadas/>>. Acesso 2, abr de 2019.

No livro de Cumino (2010), existe o relato de seu Zélio retirado de uma revista chamada “Gira da Umbanda”, onde ele conta sobre a criação da religião. Segundo a reprodução datilográfica de Lilia Ribeiro para a revista, em sua primeira edição em 1972, sobre o título “A Umbanda existe há 64 anos!”, Zélio conta que era paralítico e durante uma noite disse aos seus pais que levantaria curado no dia seguinte. Com a concretização do acontecimento, assustados, os pais de Zélio resolveram o levar para à Federação Espírita de Niterói (FEN). Convidado a sentar-se na mesa de cerimônias da Federação, Zélio indaga a proibição da manifestação dos espíritos de negros e caboclos. Em seguida, o espírito que se intitulou como Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporou em Zélio e disse que no dia seguinte estaria na casa do médium, simbolizando a igualdade e humildade que deveria existir entre irmãos, encarnados ou desencarnados.

Segundo o relato, no dia seguinte havia uma “procissão” em frente a cara de Zélio de Moraes, onde o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou a primeira tenda de umbanda, chamada de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP) (Figura 5). Além disso, Zélio incorporado por outro espírito denominado Preto-Velho Pai Antonio, sobre uniforme branco, no mesmo dia curou outro paralítico, provando assim

para os demais presentes, incluindo os participantes da FEN, a iniciação de uma nova religião. A partir daí as sessões dentro da Tenda eram diárias e funcionavam das 20 às 22 horas.

Figura 5 - Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Disponível em <<https://www.paijoaquim.com.br/regimento-tensp/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Cumino (2010) apresenta 5 etapas nas quais se pode dividir a história da umbanda até os dias atuais. São eles: Primeira Onda (1908 a 1928), Segunda Onda (1929 a 1944), Terceira Onda (1945 a 1980), Refluxo (1980 a 1990) e Quarta Onda (1991 a 2009).

A primeira onda umbandista concentra-se dentro do Rio de Janeiro entre os anos de 1908 a 1928. Além da criação da TENSP, Zélio de Moraes fundou mais sete terreiros determinando seus dirigentes. A partir daí a influência de Zélio na criação de outras tendas foi grande, e em pouco tempo já haviam centenas de tendas no Rio de Janeiro, e mesmo que de maneira pequena também Brasil à fora. A umbanda cresceu de forma acelerada nesses anos sem uma centralização que organizasse sua maneira de se expor à sociedade.

Para Cumino (2010) é importante dar destaque à Tenda Espírita Mirim, fundada em 1924, e dirigida e fundada por Benjamim Figueiredo. Pois foi Benjamin que mais para frente muito se esforçou nessa época para a expansão ordenada da umbanda, e devido a isso fundou o Primado de Umbanda, em 1952, de onde surgiram outras várias tendas. Além disso, Figueiredo “apoiou os três grandes Congressos Nacionais de Umbanda no Rio de Janeiro” (CUMINO, 2010), e fundou a Escola Superior Iniciática de Umbanda do Brasil.

Cumino (2010) explica que é no período da segunda onda em que a umbanda começa a se estruturar no RJ. É quando consegue sua legitimação e acaba se

espalhando para os demais estados do Brasil, conseguindo adeptos que vinham do catolicismo e do espiritismo. Já em 1929, os terreiros começam a ser registrados em cartório, mesmo que alguns ainda camuflados como centros espíritas.

Este período que corresponde ao Estado Novo à Era Vargas acabou por gerar controversa entre umbandistas, já que apesar da alta perseguição do Estado em relação aos cultos afro-brasileiros, os adeptos da umbanda defendiam o fato de que Vargas era umbandista e frequentava terreiros. Segundo o Jornal do Brasil, um artigo publicado em 1967 trazia a seguinte frase sobre Getúlio Vargas: “não apenas permitia que terreiros funcionassem abertamente, como também os frequentava” (Jornal do Brasil, 11.03.1967). Desta forma culpava-se unicamente a polícia pelas perseguições aos cultos. Essa defesa à Vargas deve-se também ao populismo e nacionalismo que ele vinha a enaltecer em seu governo. Estar dentro de uma religião brasileira compartilha a ideia dos ideais nacionalistas e o possível orgulho de ser brasileiro.

Dentro da polícia, em 1931, é criada a “Inspetoria de Entorpecentes e Mistificações”. A inspetoria tinha como ideal a “repressão do uso de tóxicos e da prática de magias de sortilégio” (O Estado de São Paulo, 1931). Ficava assim vetado:

[...] macumbas, candomblés, feitiçarias, cartomancia, necromancia, quiromancia e congêneres, executando-se as experiências de telepatia, sugestão, ilusionismo e equivalentes, realizados em espetáculos públicos fiscalizados pela polícia. (NEGRÃO, 1996, p. 70).

Já em 1934, criou-se uma lei que dava jurisdição ao Departamento de Tóxicos e Mistificações sobre espiritismo, umbanda e cultos afro-brasileiros. Sendo assim, os templos precisavam de registro na polícia para funcionarem.

“Campanha Policial contra o Baixo Espiritismo”, é assim que foi intitulada a campanha promovida pela polícia em 1936 para combater aquilo que se denominava de “baixo espiritismo”. Enquanto o espiritismo kardecista era considerado o “alto espiritismo”, e tinha reconhecimento oficial, os cultos de raízes africanas eram o “baixo”. Para facilitar a procura da polícia pelo “baixo espiritismo”, os mais de duzentos templos e terreiros foram obrigados a regularizar seus alvarás.

A repressão cresceu ainda mais em 1937 com o Estado Novo. O registro que confiava legitimação às tendas virou uma faca de dois gumes, pois facilitava para a polícia as práticas de intimidação e extorsão. Essa exposição dos terreiros acabou incitando por parte da polícia a ação de invasão dos terreiros, prisões de participantes

e até mesmo confiscação dos objetos usados nos rituais. Apesar de neste período o país já ser laico, sem sombra de dúvidas a lei favorecia a intolerância religiosa e perseguição de cultos com origem afro.

Por ordem do Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi fundado em 1939 a Federação Espírita de Umbanda do Brasil (FEUB), que acabou resultando no registro em cartório da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em 1940, dirigida por Zélio de Moraes. Esse ato facilitou a legalização das demais tendas de umbanda carioca. Além disso, em 1941, também resultante da FEUB, houve o Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, onde foi definido a identificação da umbanda como espírita devido ao contexto cultural, político e social. Isso também ajudou o registro das tendas, já que o espiritismo kardecista era considerado “alto espiritismo”. Colocar-se sobre o termo “espírita”, auxiliava a fuga à perseguição. Foi também logo após o Primeiro Congresso que a FEUB trocou de nome para União de Espiritismo de Umbanda do Brasil (UEUB).

Segundo Cumino (2010) alguns sociólogos dizem que foi graças ao Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda que a religião deixa de ser seita, pois é justamente quando se define com uma doutrina e filosofia exposta ao público.

Nos termos de Cumino (2010) a Terceira Onda Umbandista teve uma “expansão vertiginosa”. Com o fim da ditadura da era Vargas, e a política eleitoral, a umbanda se expandiu e ganhou espaço dentro da mídia e da política, além do reconhecimento público. Jorge Amado, por exemplo, foi eleito deputado federal e criou a Lei de Liberdade de Cultos prevista na Constituição Democrática de 1946.

Neste período a umbanda cresce não só no Rio de Janeiro de forma acelerada, mas também em São Paulo. Estruturando-se em federações, a religião passa a legitimar sua identidade e defender seus direitos. Existiu até um jornal criado em 1949 pela UEUB chamado Jornal de Umbanda (Figura 6), com publicação mensal, apresentando artigos e ideologias da religião. Assim, aos poucos a umbanda conquistou espaço e respeito dentro da sociedade. Nessa época a religião ganha também apoio intelectual, que acaba por auxiliar na formação da identidade acadêmica da umbanda como religião nacional.

Figura 6 - Capa número 74 do “Jornal de Umbanda”



Fonte: Disponível em <<http://radiovinhadeluz.com.br/noticia/215309/historia-jornal-de-umbanda-testemunha-da-historia-da-umbanda>>. Acesso em 2, abr de 2019.

No Rio e Niterói, em 1950, eram criadas seis novas federações, três delas com uma diferença: traziam uma vertente africanista para a umbanda. As outras três continuavam na mesma vertente espírita. Sendo assim, muitas das “macumbas cariocas” passaram a se denominar como umbanda, o que possibilitava o surgimento de várias formas de umbanda africanista.

Em 1952, Benjamim Figueiredo, dirigente da Tenda Espírita Mirim, fundou o Primado de Umbanda, que teve desempenho em esfera nacional. Também no mesmo ano, Tancredo da Silva Pinto, formou a Federação Espírita Umbandista (FEU), que foi a mais influente na representação da umbanda africanista. Com coluna semanal no jornal O Dia, Tancredo publicava divulgações sobre a sua federação e comunicava sobre a umbanda de raiz africana.

No ano de 1956, foi fundado o Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul, agrupando 5 das federações mais influentes, e que tinha o intuito de reconhecer a pluralidade da umbanda, reunindo e oficializando as duas vertentes, espírita e africanista. Entretanto, além dessas vertentes, existia também a chamada umbanda popular, ou do povo, que se mostrava sem dogmas e/ou limites definidos.

Na política vários umbandistas começaram a ser eleitos em todos os estados, mas foi em 1958, com o apoio do Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul, que Átila Nunes é eleito vereador.

No Rio de Janeiro, em 1961, é que acontece o Segundo Congresso Brasileiro de Umbanda. Já em 1971, é criado o Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda (Condu) e em 1973, sucede o Terceiro Congresso Brasileiro de Umbanda.

Em São Paulo, no mesmo período, ocorre uma explosão de acontecimentos. Já no Primeiro Congresso Brasileiro de Umbanda havia a participação de paulistas, e resultante disso ainda em 1942, Pai Jaú e Sebastião Costa fundaram a Liga de São Jerônimo em SP, filiada à federação de Zélio de Moraes. Porém não tiveram sucesso devido a proibição da execução dos cultos no estado.

Em 1953, é finalmente criada e registrada a Federação Umbandista do Estado de São Paulo (Fuesp), por Alfredo Costa Moura. Dois anos depois é fundada a União de Tendas Espíritas do Estado de São Paulo (Uteusp), que em 1967, sob direção de Jamil Rachid, passa a se chamar União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo (Uteucesp). Foi Jamil também quem criou a Festa de Ogum realizada no Ginásio Ibirapuera entre os anos de 1957 a 2007.

Outra federação surge em São Paulo, em 1956, a Federação Y caraiá, estruturada por Mário Paulo. Já em 1960, quem fundou o Primado de Umbanda em SP, chamado atualmente de Primado do Brasil, foi Félix Nascentes Pinto. No ano seguinte (1961), quando ocorre o Segundo Congresso de Umbanda do Brasil, é que há uma maior participação dos líderes religiosos de São Paulo, onde foi proposto no que se formulasse a Primeiro Congresso de Umbanda do Estado de São Paulo e o Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (Souesp). Também no ano de 1961, cria-se a Cruzada Federativa de Umbanda, pelo jornalista J. Barbosa, que foi também o fundador do Jornal Vanguarda Umbandista, publicado nos anos de 1954 a 1982.

Sem data exata, mas no início da década de 1960, Ercílio Sanches formou a Cúpula Nacional de Umbanda, confederação onde se filiaram os órgãos superiores estaduais. Então no ano de 1968, Pedro Furlan cria a União Regional Umbandista da Zona Oeste de São Paulo, em Osasco. No ano seguinte surge a União Regional Umbandista (URU) em Taubaté, agregando várias tendas. Entretanto na tentativa de se filiar à Souesp, acabou por ter seu pedido negado, pois o órgão considerava que a única federação da região seria a Federação Umbandista do Vale do Paraíba (Fuvap).

Em 1971 é fundada a Associação Paulista de Umbanda, por Demétrio Rodrigues, que chegou a conhecer Zélio e entender sua maneira de expor a religião. É então, em 1973, que surge uma das maiores federações da atualidade, a Federação

Umbandista do Grande ABC (FUGABC), onde é idealizado o Santuário Nacional da Umbanda (Figura 7). Ainda no mesmo ano é fundada a União Regional da Zona Oeste de São Paulo, comandada por Pedro Furlan.

Figura 7 - Santuário Nacional da Umbanda

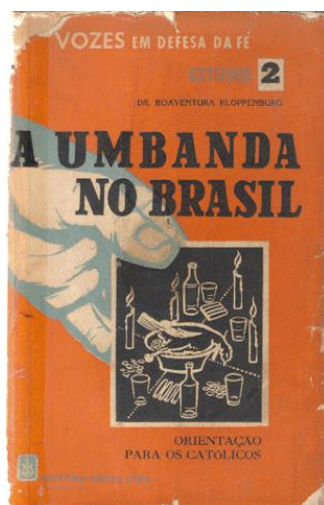


Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Santu%C3%A1rio-Nacional-da-Umbanda-287149437987844/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Devido às divergências com a Souesp, o Tenente Hilton de Paiva Tupinambá fundou, em 1976, o Supremo Órgão de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo (Soucesp).

A igreja começa a ver como uma ameaça o crescimento de adeptos do espiritismo e protestantismo. Então em uma conferência chamada de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), acaba constituindo uma comissão antiespiritismo. Ataques à umbanda eram feitos em programas de TV e publicações. O frade franciscano Boaventura Kloppenburg é um dos participantes que tomaram a frente do movimento contra a umbanda, publicando, em 1961, o livro “Umbanda no Brasil: orientação para católicos” (Figura 8). O livro classificava a umbanda como “ameaça para a saúde mental, uma heresia pagã, fetichismo, superstição, prática mágica fraudulenta, histeria e epilepsia” (CUMINO, 2010). Entretanto, no ano de 1962, houve uma mudança na visão da igreja, cessando os ataques sobre o título: “Deus é maior que a igreja”.

Figura 8 - Capa do livro “A Umbanda no Brasil: Orientação para Católicos”



Fonte: Kloppenburg (1961)

Foi também nesse período que houve a ditadura militar, onde a umbanda que sempre procurou estar aliada ao poder, acaba por ter um bom convívio com a situação, pois muitos umbandistas eram militares e ex-militares. Até mesmo o registro de tendas deixou de ter jurisdição policial e passou a ser civil. A umbanda já estava reconhecida oficialmente como religião.

Mesmo com a regularização das tendas não sendo mais um problema, muitas ainda continuavam irregulares, pois segundo Cumino (2010) devido ao período de perseguição, ainda tinham receio, o que levou os membros “apenas a quererem praticar sua religião em paz” (CUMINO, 2010). O que foi um problema para religião, já que desta forma ficava difícil estimar pelo censo do IBGE um número de umbandista próximo ao real.

De acordo com o sociólogo Negrão (1996), o período entre 1980 e 1990 pode ser nominado com o termo “refluxo” quando relacionado à Umbanda e seus adeptos, já que muitos dos praticantes e frequentadores da religião deixam de participar das giras². Para Cumino (2010) esse fato se dá devido à péssima qualidade dos terreiros após o rápido e descontrolado crescimento da religião.

Alguns fatores que contribuíram para essa desorganização são: a politicagem das federações juntamente com sua falta de ordem; a ausência de uma orientação doutrinária; a mídia disseminando informações falsas e/ou pejorativas; avanço e crescimento de igrejas neopentecostais com discurso de ódio para com religiões afro;

² Nome dado à cerimônia que acontece dentro de um templo de umbanda.

e falta de incentivo à identidade nacional e cultura brasileira, já que não existem mais movimentos nacionais que instigam esse ideal. Cumino (2010) diz que assim a umbanda se estabelece como uma forma de contracultura de resistência ao que vem de fora do país, principalmente Europa e América do Norte. Embora existam sociólogos e antropólogos que já houvessem trabalhado na identificação da Umbanda como religião brasileira, a literatura ainda se encontra desuniforme nessa época, dificultando a situação para os adeptos restantes, pois tudo que lhe sobra são suas experiências religiosas pessoais, sem apoio intelectual de maneira homogênea. Também nesse período a mídia volta a fazer críticas à Umbanda e expor casos de escândalos isolados, não dando espaço para espalhar informações valiosas para a religião.

Nesse momento as religiões neopentecostais crescem rapidamente com ajuda dos rádios e televisões, alcançando milhões de pessoas e disseminando discursos agressivos em relação aos valores da Umbanda, incentivando o preconceito e discriminação. Segundo Cumino (2010) nem mesmo a Igreja Católica na década de 50 havia hostilizado tanto à Umbanda como as igrejas neopentecostais faziam nesse período. Entretanto, mesmo colocando as divindades da Umbanda como demônios, essas igrejas passam a adotar o uso de práticas da própria Umbanda, como o uso de arruda, o sal grosso, e até mesmo a incorporação, já que para “expulsar o demônio” do corpo das pessoas era necessário que ele se manifestasse de alguma forma.

Embora na época tenha acontecido o crescimento das igrejas neopentecostais em relação ao esvaziamento da Umbanda, não se pode culpar os neopentecostais por isso, a única culpa que se dá é por disseminarem o ódio. A evacuação dos até então umbandistas acontece pela imaturidade e despreparo da própria comunidade umbandista em um geral. Embora tenham diminuído em número, os umbandistas aumentam em qualidade, aponta Cumino (2010), já que permaneceram praticantes apenas aqueles convictos de suas fés.

É na década de 90 que o esvaziamento da Umbanda diminui, embora ainda aconteça, mas de forma reduzida, acontecendo o que Cumino (2010) chama de quarta onda umbandista. Para Cumino (2010), a religião deixa de ser um movimento popular e conseqüentemente abandona os modismos. O neopentecostalismo se torna a religião popular da época. Deste modo, na Umbanda permanecem os religiosos mais convictos, reduzindo o número de falsos devotos e diminuindo a quantidade de aproveitadores da fé alheia.

Cumino (2010) conta que por causa da liberdade e também da libertinagem que acontece dentro do meio umbandista ainda não se têm na mídia e nem no senso comum uma identidade do que possa ser a Umbanda, e quando existe é distorcida por conta do preconceito. Isso faz com que os umbandistas procurem se esclarecer cada vez mais para adquirir argumentos embasados e conseguirem se proteger da intolerância religiosa e da ignorância alheia. Os desinformados dentro da religião passam a ser em sua maioria os consulentes³ que além de não se declararem umbandistas, frequentam os terreiros apenas quando lhes é conveniente para solucionar seus problemas pessoais.

Hoje já existe uma literatura mais consistente sobre Umbanda, de acordo Cumino (2010), que permite que os interessados encontrem a religião também pela via do conhecimento. Além disso, a Umbanda acompanha uma revolução tecnológica, ou seja, a informação também está espalhada na internet, qualquer um que procure pela palavra “Umbanda” consegue informações básicas sobre o assunto, embora elas nem sempre sejam de fontes confiáveis, com um pouco de cuidado é possível selecionar aquilo que possa ser válido e útil. A disseminação de informações na web também obriga os sacerdotes, pais e mães de santo a se manterem bem convictos e esclarecidos, pois os filhos de santo⁴ querem cada vez mais esclarecer dúvidas decorrentes do que leem na internet.

A pertença umbandista que já era um problema nos anos anteriores, ainda se encontra com dificuldades de aceitação por parte da comunidade umbandista. Cumino (2010) mostra que segundo dados do IBGE entre os anos de 1991 à 2000, o número de umbandistas cai de 541.518 para 432.001. Segundo ele, isso decorre devido a alguns fatores como: frequentadores e adeptos não se sentem umbandistas, não reconhecendo a Umbanda como religião, e à entendendo com seita, espiritismo ou apenas magia; e múltipla pertença religiosa, frequentantes da Umbanda e Catolicismo ao mesmo, por exemplo. As pessoas sentem-se mais confortáveis e seguras ao dizerem que são católicas ou kardecistas. Católicos se intitulam como católicos não praticantes e os demais se denominam espíritas para se valerem do prestígio que o kardecismo ganhou.

³ Visitantes que frequentam os templos de Umbanda em busca de ajuda ou por curiosidade.

⁴ Termo usado para designar umbandistas, se dá devido ao termo mãe/pai de santo, por isso, filhos.

Para ajudar a entender melhor o motivo dos umbandistas não se denominarem umbandistas o sociólogo e demógrafo Camargo (1961) classificou os adeptos em três categorias, são elas: ativos, participantes e eventuais (Figura 9).

Figura 9 - Classificação dos Umbandistas



Fonte: o autor (2019)

Só as duas últimas categorias somam cerca de dois terços da quantidade de participantes dentro de um terreiro de Umbanda. Essas informações devem ser levadas em consideração quando se trata de números, pois os dados do IBGE se distanciam bastante do real número de umbandistas segundo Cumino (2010), de acordo com suas pesquisas com federações e órgãos de Umbanda é possível notar que nesses últimos anos o crescimento umbandista venha acontecendo, embora lentamente, contradizendo dados do IBGE.

Além do lento crescimento, é possível notar uma maior qualidade de conhecimento nas pessoas que frequentam a Umbanda, em razão da informação oferecida por federações, associações, núcleos, colégios e institutos. Esse fator também nos leva a entender que a Umbanda deixou de ser uma religião predominantemente de classes populares para então atender seguidores de classes privilegiadas e com maior acesso ao conhecimento. Cumino (2010) conta que facilmente se encontra empresários e estudantes universitários dentro dos terreiros.

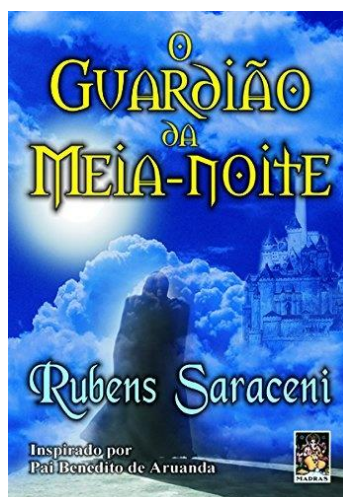
Para entender melhor o motivo desse “renascimento” da Umbanda, Cumino (2010) escreve com palavras simples alguns fatores relevantes:

Existem fatores determinantes para esse crescimento, um deles é a própria natureza da religião, que dá muita liberdade de ação, palavra e pensamento a seus adeptos; não possui dogmas nem tabus; convive tranquilamente com os valores do mundo moderno; recicla-se nessa nova realidade pós-moderna; não pede conversão; dá abertura para os dons místicos e mediúnicos individuais e coletivos; incentiva a prática de magia e busca na natureza e

nos Orixás uma conexão entre valores espirituais e a força da natureza. Cada um se sente livre pra interpretar suas experiências, o contato mediúnico com o sagrado é direto, cada adepto com mediunidade é um templo sagrado. Todos são convidados a dar um sentido a suas vidas por meio de experiências marcantes e de interpretação variada. Podemos dizer que, entre outras, essas qualidades tornam a Umbanda uma religião muito atrativa ao jovem extremamente maleável. É possível encontrar grupos com perfis variados: há terreiros apenas de jovens; terreiros de pessoas mais velhas; terreiros requintados e simples; terreiros engajados em projetos sociais; terreiros que promovem visitas constantes à natureza; terreiros festivos e terreiros calados; terreiros grandes e pequenos; terreiros que formam famílias e terreiros mais individualistas; terreiros com direção rígida e outros mais flexíveis... há terreiros para todos os gostos, apenas não há terreiros ruins ou que praticam algo de negativo, pois os mesmos, quando identificados, não podem mais ser considerados Umbanda. (CUMINO, 2010, p. 194)

É também nessa época que surge a literatura psicografada⁵ dentro da Umbanda. Títulos como “O guardião da meia-noite” (Figura 10) e “O guardião da estrela guia” de Rubens Saraceni começam a fazer sucesso em São Paulo e posteriormente no Brasil todo. Embora Saraceni tenha escrito muitos outros romances, o primeiro citado se destaca pela facilidade de leitura e pela influência positiva que traz sobre a religião para os leitores, desmistificando até mesmo a divindade Exu, que ganha o título de guardião.

Figura 10 - Capa do livro "O Guardião da Meia-Noite"



Fonte: Saraceni (2009)

Nessa década é que a Umbanda completa seu centenário, e embora seja uma religião nacional, para Cumino (2010) houve pouca propagação do fato na mídia, ainda mais porque juntamente acontecia o centenário da imigração japonesa no

⁵ Psicografar: ato mediúnico de escrever sob a influência de um espírito.

Brasil. Entretanto foi um marco de bastante entusiasmo para os adeptos que marcaram reuniões comemorativas nas Assembleias Legislativas, tanto estaduais quanto federal. É inclusive nessa época que Pai Ronaldo Linhares juntamente com Pai Saul de Ogum apresentam a Bandeira da Umbanda. Houve também uma gira comemorativa na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, que marcou os cem anos com sua fundação.

2.3 PRECONCEITO E DESINFORMAÇÃO

Conforme a análise feita através da obra de Cumino (2010) nos capítulos acima, já é possível entender que o preconceito é algo intrínseco na história da umbanda. O fato dela ter nascido de uma “revolta”, querendo trazer a cultura e sabedoria negra e indígena ao mesmo nível que a dos brancos, é uma das grandes causas da discriminação direcionada à esta religião. Preconceitos esses que se baseiam em sua maioria na questão racial e na diferença de classes.

Isaía (1999) reafirma a diferença de classes como motivo do preconceito, já que no Brasil a elite impunha uma realidade às camadas mais baixas da sociedade, onde esta verdade deveria ser a suprema em detrimento de todas as outras que não fizessem parte dos mesmos ideais. Para o autor, o catolicismo é o exemplo disso, já que por ser a religião naturalizada normativa, dispunha livremente de meios de articular as religiões afro-brasileiras como sendo atrasadas e ilegítimas.

Segundo Isaía (1999), a repressão religiosa no Brasil era direcionada aos pobres, negros e mestiços, já que eram nessas categorizações onde as religiões de origem afro eram mais populares, reafirmando assim uma vigência da exclusão e preconceitos dirigidos à estas pessoas. O autor diz que as ações desses grupos estigmatizados, principalmente dos índios, negros e pobres, eram vistas como perigosas, pois numa sociedade pós-escravocrata a ideia institucionalizada era de que esses indivíduos fossem improdutivos e gerassem um atraso ao assim chamado “progresso nacional”.

De acordo com Isaía (1999), a campanha policial contra o denominado “baixo espiritismo”, já citado no capítulo anterior através do autor Cumino (2010), surge de uma camada elitizada da população de desfrancizar como proposta educativa. É

assim que surgem livros e publicações que designam as práticas religiosas afro-brasileira como doenças psíquicas e crenças primitivas.

É dentro deste contexto de segregação social que Isaía (1999) explica que o negro era visto como tendo uma propensão genética e hereditária incapaz de se livrar de ideias que fossem de origem psicologicamente perturbadas, enquanto a ideia que se tinha do índio era de que ele fosse indolente e incapaz de trabalhar, sendo o mestiço, resultado dessas raças, um atraso ao progresso. Apenas o português era considerado apto a trazer ao território nacional a cultura refinada que era necessária ao desenvolvimento do país.

De acordo com o autor Isaía (1999), é justamente num momento de alto conservadorismo que surge a umbanda para se contrapor as ideias da elite brasileira. A umbanda juntamente com alguns movimentos da época, como a antropofagia modernista dos anos 20, por exemplo, passaram a valorizar a identidade brasileira como mestiça e sinônimo de riqueza cultural, onde a herança afro-indígena brasileira estaria alinhada a um caráter sincrético.

Complementando os estudos de Isaía, Ortiz (1999) descreve que a nova proposta umbandista não foi tão impactante assim as elites, pois ela não trouxe consigo uma permanência da tradição africana, como nos cultos candomblecistas, por exemplo. A nova noção de identidade nacional trazida, em partes pela umbanda, aconteceu sob a visão dos brancos sobre o que deveria ser a religião. Como já citado anteriormente neste trabalho através de Cumino (2010), a umbanda teve que se esconder atrás do termo espiritismo para ser aceita, fugindo da categorização de “baixo espiritismo”. Ortiz (1999) reafirma que os orientadores da religião buscaram embranquecer as raízes afros dos rituais e cultos, mas ao mesmo tempo também empretecendo a sua origem kardecista. Desta forma acontece o que o autor chama de “bricolage”, ou seja, uma síntese do pensamento religioso brasileiro, inclusive trazendo concepções do catolicismo.

Ortiz (1999) explica que a umbanda faz parte de um momento da história brasileira onde ela reforça um novo modelo de classes baseado na urbanização e na industrialização, não sendo por acaso seu nascimento na região sudeste do país. O autor afirma que é justamente com essa visão “moderna”, com noções globalizadas, que a umbanda consegue se legitimar como religião, pois busca-se uma racionalidade na explicação de suas crenças, gerando uma colaboração entre religião e ciência, afastando cada vez mais o misticismo. É através dessa racionalidade que umbanda

transpassa a esfera religiosa buscando um proselitismo que fosse mais pra frente alcançar uma camada política de onde se originariam as federações através da reunião de representantes locais da religião.

Compreendendo através dos autores acima a estruturação da umbanda como peça na construção da história brasileira, sua importância na formação de uma identidade nacional e seus problemas de aceitação em um espaço adverso, é possível analisar maneiras de combater o preconceito e entender quais são algumas das principais atuais fontes de resistência para que ele continue existindo.

De acordo com o historiador Rodrigues (2018), o uso do espaço escolar para discutir tópicos referentes à intolerância religiosa é de extrema importância quando paramos para analisar o crescente índice de violência no Brasil, resultado dessa mesma intolerância. Para o autor é importante ressaltar que o valor sobre o assunto na escola se dá também pelo fato de que ele é negligenciado no setor público e excluído das escolas por ser considerado tabu.

Os autores Lira e Bonfim (2017) concordam com Rodrigues (2018) no que se diz respeito ao preconceito que acontece dentro das escolas em relação às religiões de matriz africana. Embora haja resistência ao ensino da cultura afro-brasileira, mesmo que ela faça parte da história do Brasil, existe a Lei 11.645/08 que garante a obrigação do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena dentro das escolas, segundo os autores.

O problema que a dupla traz é de que mesmo que garantido por lei, o ensino do assunto não consegue força para se concretizar. Mesmo com diversos métodos de abordagem sendo usados em sala de aula, fica visível o quanto a discriminação está intrínseca no ambiente escolar. Outro ponto indicado pelos autores é de que apesar do Brasil ser um país laico, o corpo docente é resistente e relutante sobre o ensino do tema, pois é impossível falar sobre a cultura de um povo sem que se chegue à religião que ele pratica. Justamente nos momentos em que os docentes esbarram com conteúdo étnico-religioso, são também os momentos em que há embates, pois confrontam as suas próprias convicções religiosas.

A formação eurocêntrica desses professores pode ser um dos fatores que levam ao preconceito dentro da escola serem assuntos tão complexos, conforme Lira e Bonfim (2017). Como já vimos com Isaías (1999), a elite que detinha dos meios de informação foi também quem normatizou as crenças que deveriam ser aceitas em detrimento das demais. Embora haja uma parcela de professores que lutam contra a

permanência deste pensamento, há ainda outra grande parcela branca da população que retém os postos de conhecimento.

Lira e Bonfim (2017) também confirmam que parte do preconceito é decorrente da mídia, que por muitas vezes uniformiza a discriminação. Conforme vimos com Cumino (2010) anteriormente, a mídia já prejudicava no combate ao preconceito desde a década de 80, com as notícias falsas e pejorativas que eram divulgadas, e juntamente com uma crescente popularização das igrejas neopentecostais que tinham extremos discursos de ódio com a religiões de matriz africana.

De acordo com o jornal eletrônico Agência Brasil (2018), a bancada evangélica cresceu para 91 parlamentares no Congresso para o ano de 2019. Enquanto isso, o outro jornal, Blog da Cidadania (2018), através de uma entrevista com o deputado Sóstenes Cavalcante do partido Democratas do Rio de Janeiro, escreveu que uma das pautas principais da bancada é executar o projeto “Escola Sem Partido”, que limita a liberdade de ensinar, incluindo questões religiosas. Além disso, o jornal explica que as pautas da bancada evangélica estão em concordância com os tópicos que foram definitivos para a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, cujo tema de campanha de governo é “Deus acima de tudo. Brasil acima de todos”. É possível assim entender que as escolas terão ainda menos abertura para falar sobre questões religiosas daqui para frente, principalmente quando na política uma bancada com grande força e apoio presidencial está atuando conforme suas próprias ideologias religiosas.

De acordo com Rodrigues (2018) as religiões podem ser tanto alvo de intolerância quanto a percursora dela. Entretanto, isso não significa que necessariamente todo ato de intolerância religiosa seja motivada também por ordem religiosa. O preconceito religioso pode vir de diversos caminhos, seja ele econômico, social ou político.

Para Santos (2009), um dos fatores que fazem com que o preconceito exista é a falta de conhecimento e informação. Através de Cumino (2010) foi possível perceber o quanto o conhecimento e estudo foi necessário para a formação da umbanda. Santos (2009) concorda com os autores Lira e Bonfim (2017) ao confirmar que os preconceitos com origem religiosa, em específico os direcionados as religiões de matriz africana, estão impregnados dentro do próprio sistema de ensino, onde os educadores com formações eurocêntricas disseminam a intolerância da qual deveriam

estar ajudando a combater. O autor confirma a necessidade de que haja a criação de publicações e pesquisas que abordem a história e cultura dessas religiões estigmatizadas.

É preciso lembrar ainda que para Cumino (2010) a busca por conhecimento dentro do ambiente umbandista acabou por elitizar a religião, de modo que a informação seja de difícil acesso para algumas parcelas da população. É possível reforçar essa ideia quando vimos com Ortiz (1999) a visão de que a umbanda foi estruturada a partir de uma perspectiva branca e europeia.

Através da discussão gerada pelos autores acima, fica proeminente a necessidade da criação de materiais que acessem, de maneira interessante e descomplicada, pessoas que não possuem conhecimento sobre o assunto, sejam pelas diferenças econômicas ou pela visão branca e etnocêntrica inerente na história do Brasil.

2.4 TEOLOGIA DE UMBANDA

Além de entender a origem e o contexto histórico cultural da religião Umbanda e suas dificuldades de se estruturar como religião em meio à um contexto hostil, como foi descrito nos capítulos acima, para a criação de repertório para o material que será gerado deste Trabalho de Conclusão é necessário entender o funcionamento dos rituais, as crendices e a mitologia da religião.

2.4.1 Elementos Simbólicos

A Umbanda possui um hino comumente presente nos terreiros, de acordo com o escritor e mestre em literatura brasileira Júnior (2017), sendo cantado ou nos rituais de abertura das giras, ou no término delas. A música foi composta por José Manuel Alves em 1960 e aceito como o hino da Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, espírito fundador da religião. A canção foi oficializada em 1961 no Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda.

*Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor*

*Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar*

*A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de Luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza que nos conduz*

*Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá*

Já em 1º de junho de 2008 foi oficializada a bandeira de Umbanda (Figura 11) no Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho em São Paulo. A bandeira é de autoria de Saul de Medeiros, também conhecido como Saul de Ogum. Os elementos têm os seguintes significados segundo o autor da bandeira:

A imagem de um lindo sol radiante e, de seu núcleo, sai uma figura que no primeiro instante parece a de um enorme pombo branco, mas olhando com mais atenção, a forma se modifica deixando transparecer um espectro humano angelical e com enormes asas, como se dirigisse a um destino determinado a realizar uma missão. (JÚNIOR, 2017, p. 41)

Figura 11 - Bandeira da Umbanda

Fonte: Disponível em <<http://flores-da-umbanda.blogspot.com/2016/07/a-bandeira-e-o-hino-da-umbanda.html>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Além do hino e da bandeira, outro fator comum aos terreiros é o número 7. Júnior (2017) explica que o número 7 é bastante presente dentro da Umbanda, desde as denominadas Sete Linhas de Umbanda, até a utilização do número nos nomes dos guias espirituais, como no caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas, por exemplo.

O número 7 é usado desde tempos remotos, vindo de outras tradições espirituais em que é considerado sagrado e cabalístico⁶. Além de ser usado em várias circunstâncias de nossas vidas, como na contagem dos dias das semanas, na classificação das sete maravilhas do mundo, ou também na quantidade de cores do arco-íris.

2.4.2 Crenças Umbandistas

Júnior (2017) classifica algumas crenças umbandistas que ajudam a entender um pouco mais sobre a religião. A primeira situação que ele aponta, embora possa parecer estranho para pessoas leigas, é de que a Umbanda é monoteísta, ou seja, acredita em apenas um Deus, sendo ele chamado de Zambi (origem angolana) ou

⁶ Que tem significado oculto, misterioso.

Olorum (origem iorubá). Em ordem hierárquica temos os orixás em seguida, que são pontos de força da natureza que advém da força de Zambi.

Seguindo a mesma lógica temos os guias e guardiões, espíritos guiados pelos orixás e que comandam e são responsáveis pelas giras dentro dos terreiros, além de orientar os médiuns e consulentes. Acredita-se que assim conseguem auxiliar na evolução dos encarnados e progredir em suas próprias evoluções espirituais. Como se pode notar, a ação dos espíritos é algo comum para os adeptos da Umbanda, dentro da religião entende-se que os espíritos podem agir no plano físico, se conectando às pessoas encarnadas de acordo com suas vibrações⁷.

A Umbanda por ter seu sincretismo ligado também ao catolicismo, adota a figura de Jesus Cristo, que nas palavras de Júnior (2017) é para os umbandistas o mestre que acompanha a linha do orixá Oxalá, podendo ser confundido com o próprio.

A reencarnação é talvez um dos pontos chaves da Umbanda, já que é devido a ela que os umbandistas buscam uma vida espiritual equilibrada quando ainda vivos. Ela significa um ciclo evolutivo do espírito, onde em cada vida o indivíduo aprende em prol do seu desenvolvimento espiritual. A reencarnação também está diretamente ligada às leis espirituais de ação e reação, que se baseiam no princípio do livre arbítrio. Cada ato gera uma reação, podendo ela ser boa ou ruim de acordo com ação praticada. Se ruim ela atribui carma⁸ ao praticante, que consecutivamente deverá neutralizá-lo, seja em sua vida presente ou em outras vidas.

Todos são médiuns para os umbandistas, segundo Júnior (2017). As mediunidades são diversas desde a incorporação, até a intuição e a psicografia, podendo cada pessoa ter dons diferentes relacionados a essa variedade. A incorporação em si acontece quando o espírito do médium se afasta - nunca se desconectando - do corpo e dá espaço para que o espírito da entidade guia se aproxime e intua ou comande suas ações, desde o falar até o andar. Em sua maioria esse processo acontece conscientemente ou semiconsciente, entretanto podem existir casos de inconsciência.

De acordo com Júnior (2017), o culto aos orixás varia tanto de terreiro para terreiro, quanto da Umbanda para o Candomblé. No sentido etimológico a palavra

⁷ Termo que designa o estado espiritual situacional do indivíduo; se em baixa vibração o encarnado atrai espíritos na mesma frequência, se em alta, atrai espíritos de alta vibração.

⁸ Carga espiritual geradas por más ações em vida.

orixá significa “a divindade que habita a cabeça” (JÚNIOR, 2017, p. 58). Já em sua origem iorubá, “ori” significa cabeça e “xá” é o mesmo que rei ou divindade. Na Umbanda, associa-se os orixás com pontos de força da natureza, pontos esses onde essas divindades atuam.

Júnior (2017) explica que cada pessoa tem um orixá regente, chamado de Eledá ou Pai/Mãe de Cabeça. Estes orixás “pais e mães” são responsáveis por características físicas, emocionais e espirituais de seus filhos, definindo arquétipos e características relacionadas aos seus diversos mitos e lendas. Além do Eledá, os filhos de santo possuem a influência de todos os orixás em uma determinada sequência e aquele orixá mais próximo ao Eledá é chamado de Juntó ou Adjuntó, pois forma um par com o orixá pai ou mãe.

Os umbandistas acreditam em sua maioria que não são os orixás propriamente ditos que incorporam nos médiuns, e sim seus falangeiros⁹, as entidades e guias espirituais a comando dos orixás.

Embora haja uma grande variedade de orixás, Júnior (2017) classifica alguns deles como sendo os mais comuns no meio umbandista: Oxalá, Obaluaê, Ogum, Oxóssi, Xangô, Nanã, Oxum, Iemanjá e Iansã. Em sua prevalência, os terreiros de Umbanda tendem a cultuar apenas sete¹⁰ orixás, que ficam ao direito de escolha da pessoa dirigente da casa. Júnior (2017) classifica cada orixá tendo algumas informações básicas que os caracterizam, sendo algumas delas: animais representantes, bebidas, chacras¹¹, cor, datas/festas comemorativas, comidas, cores das guias¹², dia da semana, partes do corpo humano, elementos, ervas, flores, metais, pedras, planetas (astros), lugares da natureza, saudações, símbolos e sincretismo.

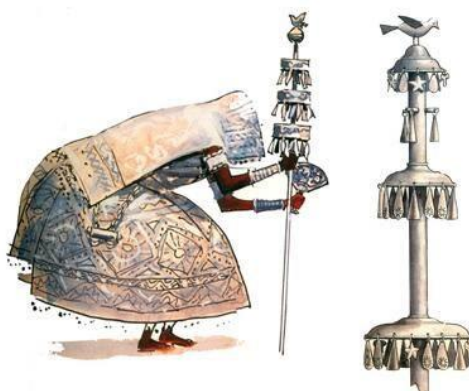
Oxalá (Figura 12) é o nome que se refere ao orixá criador do mundo e dos homens, sendo a divindade que deu aos seres o livre-arbítrio. Este orixá possui duas formas, Oxalufã quando velho, e Oxaguiã quando novo. “Oxalá representa a sabedoria, a serenidade, a pureza do branco (o funfun), o respeito”. (JÚNIOR, 2010, p. 63).

⁹ Termo designado de falange; mesmo que o corpo de uma tropa.

¹⁰ O número 7 tem grande representação para a religião.

¹¹ Lugares do corpo onde se acumulam energias espirituais.

¹² Colar de contas.

Figura 12 - Orixá Oxalá

Fonte: Carybé (1980)

Ogum (Figura 13) é o orixá da forja, do ferro e das guerras e batalhas, assim como do sangue. Nos mitos é considerado filho de Iemanjá e irmão de Oxóssi, além de já ter sido casado com Iansã e Oxum. “Simboliza a ação criadora do homem sobre a natureza, a inovação, a abertura de caminhos em geral” (JÚNIOR, 2017, p. 65).

Figura 13 - Orixá Ogum

Fonte: Carybé (1980)

Oxóssi (Figura 14), irmão de Ogum de acordo com a mitologia dos orixás, é a divindade da floresta e da caça, prezando pelo equilíbrio ecológico. Na Umbanda acaba sendo visto como a figura do índio/caboclo brasileiro, curandeiro e utilizador das ervas medicinais.

Figura 14 - Orixá Oxóssi



Fonte: Carybé (1980)

Xangô (Figura 15) é “um dos orixás mais populares no Brasil, provavelmente por ter sido a primeira divindade iorubana a chegar às terras brasileiras, juntamente com os escravos” (JÚNIOR, 2017, p. 69). Este orixá é a divindade da justiça, das pedreiras e dos trovões (onde faz par com Iansã). Seu arquétipo é apresentado em meio a política e à vida pública. Além disso, também representa a sensualidade, paixão e virilidade. Segundo a mitologia é filho de Iemanjá, tendo sido o rei de Oyó¹³. Foi casado com Obá, Oxum e Iansã. Tem como arma o oxê¹⁴, que simboliza a justiça.

Figura 15 - Orixá Xangô



Fonte: Carybé (1980)

A orixá Oxum (Figura 16) é ligada na natureza diretamente com a força das águas doces: os rios, as cachoeiras e lagos. É representante da feminilidade, da

¹³ Antigo Império de Oyó da África Ocidental, localizado hoje onde é a Nigéria.

¹⁴ Espécie de machado de dois lados.

beleza, sempre retratada com adornos como joias, colares, pulseiras, espelhos e perfumes. É também a divindade do ouro e da riqueza, além de ser símbolo do amor e da fertilidade feminina. Na mitologia é amiga de Exu, e já foi casada com Xangô, Oxóssi e Ogum.

Figura 16 - Orixá Oxum



Fonte: Carybé (1980)

Iansã (Figura 17) é uma orixá guerreira, senhora dos ventos, tempestades e trovões. É ela que encaminha os espíritos desencarnados para outros planos, recebendo assim o título de senhora dos eguns (nome dado a esses espíritos). Representa o movimento, a paixão e a sensualidade. Pela mitologia foi casada com Ogum e Xangô.

Figura 17 - Orixá Iansã



Fonte: Carybé (1980)

Também conhecida como a orixá mais velha, Nanã (Figura 18) é a divindade que tem seu ponto de força nas águas paradas e nos pântanos. “Senhora da vida (lama primordial) e da morte (dissolução do corpo físico na terra)” (JÚNIOR, 2017, p.

77). Para umbandistas ela está presente também na garoa e na chuva. Mitologicamente foi a primeira esposa de Oxalá. É a entidade que representa a menopausa e a maturidade, atuando também no racional dos seres, possibilitando o adormecer da mente para o processo de reencarnação.

Figura 18 - Orixá Nanã



Fonte: Carybé (1980)

Iemanjá (Figura 18) é a orixá que melhor se encaixa no título de mãe, pois é aquela que preza pelos cuidados e união da família. No Brasil e para os umbandistas é a divindade das águas salgadas, ou seja, dos mares e marés, das ondas e ressacas, da pesca e dos pescadores.

Figura 19 - Orixá Iemanjá



Fonte: Carybé (1980)

Obaluaê, como é conhecido em sua forma mais velha, ou Omulu em sua mais nova, é o orixá responsável pela saúde e pelas doenças. Também é aquele que faz

as transições da carne para o espírito e vice-versa. Por ter uma ligação com a morte, seu ponto de força são os cemitérios. Sua mitologia conta que é um dos filhos de Nanã e que foi criado por Iemanjá após ter sido rejeitado pela velha orixá devido à sua feiura. A figura do orixá é dada com uma cobertura de palha da costa sobre seu rosto, afim de cobrir marcas de varíola.

Figura 20 - Orixá Omolu



Fonte: Carybé (1980)

Os orixás citados anteriormente são aqueles mais comumente cultuados nos terreiros de Umbanda conforme a obra teológica de Júnior (2017). Entretanto existem ainda outros comentados pelo autor, como: Exu, orixá mensageiro, responsável pelo contato entre Orum¹⁵ e Aiyê¹⁶, questionador das regras, guardião e vigia dos caminhos e encruzilhadas; Oxumaré, orixá dos arco-íris, muitas vezes representado como uma cobra, é responsável por levar a água dos mares para o céu em prol da formação das chuvas, representando o ciclo em eterno movimento, além de ser um orixá com duas formas, tanto masculina quanto feminina; Obá, a orixá guerreira e pouco feminina, que tem seu ponto de força nas águas revoltas e é tão forte que derrotou vários outros orixás, perdendo apenas para Ogum; Ibejis, formado por duas divindades distintas, representam os extremos opostos que se completam, e possuem ligação com as crianças, tendo seus pontos de força em jardins, praias, cachoeiras e matas; Tempo, Loko ou Iroko, é o orixá representante da árvore da criação e também da dimensão, podendo ser associado com o próprio céu; Logun-Edé, é o orixá filho de Oxum e

¹⁵ Termo iorubá que significa céu, ou mundo espiritual.

¹⁶ Termo iorubá que significa terra, ou mundo terreno.

Oxóssi, tendo assim uma dualidade, quando nas águas é mulher, assemelhando características de sua mãe, e quando em terra é homem, tomando características semelhantes às do pai, assim tem sua figura como infantil e hermafrodita; e Ossaim ou Ossanha (quando cultuado como orixá feminino), é o orixá curandeiro e mestre das plantas e folhas, representando os segredos medicinais da floresta e a sabedoria milenar da relação do homem com a natureza.

Ainda que vários orixás tenham sido apresentados nos textos acima, existem ainda outros que não são apontados por Júnior (2017), afinal o autor buscou decorrer apenas sobre aqueles que segundo ele são os mais cultuados e relevantes nos terreiros de Umbanda. No livro *Mitologia dos Orixás* de Reginaldo Prandi é possível aprender mais sobre os mitos e os outros diversos orixás, tais como: Erinlé, Otim, Ocô, Orô, Oquê. Euá, Olocum, Onilé, Ajê Xalugá, Odudua, Oraniã, Orunmilá, Ifá, Ajalá e Ori.

Na sua obra de teologia sobre Umbanda, Júnior (2017) mostra que é importante reparar que ao decorrer dos anos não são as Linhas de Umbanda que mudam, mas sim a forma com que os umbandistas passaram a entendê-las. Com essa afirmação, ele apresenta em seu livro as Sete Linhas de Umbanda (também conhecida como Direita) mais manifestadas e conhecidas nos terreiros (Figura 21). Note que aqui estamos falando de linhas e não dos orixás propriamente ditos, ou seja, vibrações energéticas de diferentes pontos de força da Umbanda.

Figura 21 - 7 Linhas da Umbanda

7 LINHAS DA UMBANDA

1. Linha de Oxalá
2. Linha de Iemanjá
3. Linha de Xangô
4. Linha de Ogum
5. Linha de Oxóssi
6. Linha de Yori
7. Linha de Yorimá

Fonte: o autor (2019).

Júnior (2017) explica brevemente sobre o funcionamento de cada uma das linhas nos parágrafos abaixo.

Linha de Oxalá: apresenta a vibração que comanda todas as demais linhas, já que está ligada diretamente à Deus. As entidades de caboclo que se apresentam nessa linha são bastante calmas e serenas. Alguns terreiros não acreditam que a linha de Oxalá seja incorporante. Levando em conta esse ponto de vista é possível entender que esta linha tem como prioridade emanar vibração para as outras linhas restantes, já que ela é regente de todas as demais.

Figura 22 - Imagem de Oxalá na Umbanda



Fonte: o autor (2019).

Linha de Iemanjá: é a linha representante das iabás¹⁷, apresentando assim forte ligação com as águas e têm como uma de suas funções fixar determinados tipos de vibrações. Nela se apresentam entidades ligadas aos pontos de força Oxum, Nanã, Iemanjá e Iansã, por exemplo. Nesta linha podem se apresentar caboclos e caboclas ou apenas elementais¹⁸, isso fica a critério do funcionamento e das convicções de cada terreiro.

¹⁷ Orixás femininos.

¹⁸ Seres místicos da natureza, como sereias e silfos, por exemplo.

Figura 23 - Imagem de Iemanjá na Umbanda



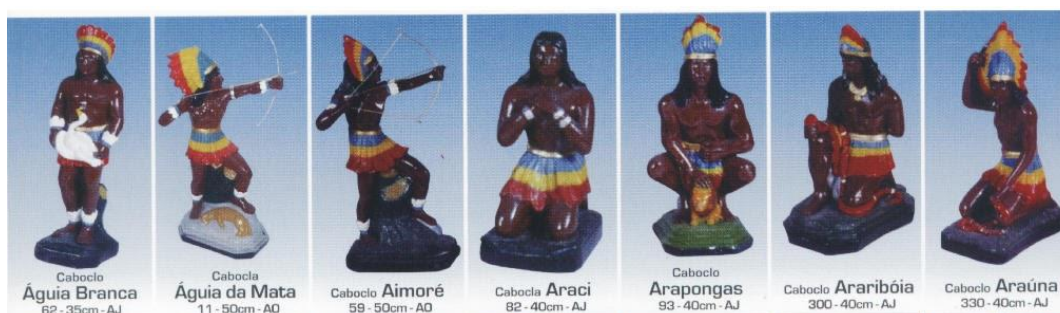
Fonte: Disponível em <<https://umbandaeurto.com/a-religiao/orixas/iemanja-orixa-criacao/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Linha de Xangô: linha em que se manifestam entidades de caboclos ligados às pedreiras, cachoeiras e montanhas. Além disso, essa linha tende a ter afinidade com aspectos ligados à justiça e a lei.

Linha de Ogum: é a linha que parte para a batalha espiritual com o intuito de vencer as demandas¹⁹. As entidades que se apresentam nessa linha são caboclos vivazes que em sua maioria trabalham com o choque cármico dos espíritos.

Linha de Oxóssi: é uma linha que também trabalha com caboclos, realizando trabalhos na área da cura física e espiritual, e dando conselhos e passes através da energia que evocam das matas e florestas.

Figura 24 – Imagem de Caboclos na Umbanda



Fonte: Disponível em <<https://cantodoaprendiz.wordpress.com/2008/08/21/imagem-a/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Linha de Yori: é a linha em que as entidades incorporantes são crianças, em sua maioria bastante alegres e enérgicas. Essas entidades trabalham com a limpeza do ambiente e despertam a alegria. Além disso, representam a inocência, fazendo

¹⁹ Confronto, combate violento.

com que se valorize o cuidado com a criança interior de cada um. Em sua maioria gostam de brinquedos e doces.

Figura 25 – Imagem de Cosme e Damião na Umbanda



Fonte: Disponível em <<https://www.paimaneco.org.br/sobre-o-terreiro/jardim-dos-orixas/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Linha de Yorimá: também conhecida como Linha das Almas, é a linha que representa a sabedoria, humildade e perdão, trazendo amparo e conforto aos necessitados. Se relaciona com as entidades de pretos-velhos e pretas-velhas que em sua maioria foram escravizados quando ainda vivos.

Figura 26 – Imagem de Pretos-Velhos na Umbanda



Fonte: Disponível em: <<https://paijoaodeangola.com/historias-de-preto-velhos/>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Júnior (2017) apresenta outros tipos de entidades que trabalham dentro da Umbanda, originárias de outras diversas linhas que não as sete principais. Algumas destas entidades são: baianos, cangaceiros, malandros, boiadeiros, marinheiros, ciganos, orientais e mentores de cura. Essas entidades costumam ser classificadas em outras linhas, também chamadas de Linhas Neutras, já que não fazem parte nem

da Linha da Direita, nem da Esquerda²⁰, podendo assim participar de ambas quando suas energias se fazem necessárias.

Figura 27 – Imagem de Entidades da Linha Neutra



Fonte: o autor (2019).

Para que se possa assimilar a importância e a função destas entidades dentro da Umbanda, Júnior (2017) explica como elas trabalham:

Baianos: são em sua maioria espíritos que quando vivos eram nordestinos. Trabalham sobre a vibração de vários Orixás. Os baianos e baianas costumam ser entidades alegres e conselheiras, atuando tanto na movimentação da energia do terreiro com suas danças, quanto no desmanche de magias deletérias²¹. Além disso, representam o “arquétipo do migrante nordestino” (JUNIOR, 2017, p. 107) que batalha para conseguir vencer as dificuldades do cotidiano;

Cangaceiros: espíritos de cangaceiros “que hoje usam seus conhecimentos para proteção, limpeza, defesa e outros” (JUNIOR, 2017, p. 108);

Malandros: essas entidades têm como arquétipo o malandro carioca boêmio e são representadas por Zé Pelintra²². Trabalham tanto na abertura de caminhos, quanto em curas e desmanches de magias deletérias. São espíritos que se apresentam de maneira extrovertida, fazendo brincadeiras e dançando. Tem seus pontos de força nos morros, cemitérios, encruzilhadas e trilhos de trem. Usam da sua malandragem para ensinar os médiuns e consulentes a escapar de situações negativas;

Boiadeiros: também conhecidos como Caboclos Boiadeiros, devido ao fato de seguirem ordens da Linha de Oxóssi, são entidades que viveram em fazendas e

²⁰ Termo designado para classificar a linha onde se apresentam as entidades de exus e pombagiras.

²¹ Que provoca danos e tem efeito destrutivo.

²² Figura de José dos Anjos, homem nascido em Pernambuco e que adorava jogar, beber, brigar e cantar mulheres.

participaram da face rural do Brasil. Comumente são vaqueiros, laçadores e tocadores de viola. Trabalham para diversos fins e ensinam a valorizar a relação familiar, já que quando em vida, vários tiveram que deixar sua família de lado por conta de seu trabalho;

Marinheiros: são entidades que viviam em meio ao mar, podendo ser piratas, marujos, pescadores e capitães. Costumam ser bastante alegres e comunicativos e trabalham com a purificação, levando energias negativas para o fundo do mar. São derivados da Linha de Iemanjá, embora trabalhem sob a energia de diversos orixás;

Ciganos: o povo cigano são entidades que atuam em áreas relacionadas ao amor, à saúde, à família e ao conhecimento. São espíritos que em vida presenciaram momentos de diáspora e nomadismo, valorizando assim a liberdade. Estão frequentemente ligados a Linha dos Orientais e tem amplo conhecimento místico. Além disso são devotos de Santa Sara Kali, a santa protetora dos ciganos;

Orientais: são entidades diversas que se agrupam de acordo com suas culturas e traços, podem ser desde ciganos, indianos, japoneses, chineses, até maias, incas, astecas e povos xamãs, entre outros;

Mentores de Cura: entidades que trabalham na Linha de Cura e trabalham no tratamento de males cármicos, espirituais, físicos e mentais. Praticam os mais diversos tipos de métodos de curas como cirurgia espiritual e acupuntura, por exemplo.

Para complementar o estudo sobre linhas, Júnior (2017) apresenta a Esquerda, também chamada de Quimbanda, onde trabalham os exus e pombagiras²³. Quando se fala de exu nesta ocasião, não se refere ao orixá Exu, e sim as entidades que trabalham na Linha dos Exus.

Para Júnior (2017) é preciso entender que Esquerda não deve ter sentido pejorativo neste caso, o termo deve ser entendido como o oposto que complementa a Direita, ou seja, ambos são necessários para um todo. Se compreendida esta ideia, é possível entender a função espiritual dessas entidades, que para o autor podem ser definidas com o título de guardiões. Guardiões porque eles atuam como os policiais do astral, onde trabalham com purificação e desmanche de energias negativas mais densas, além de também protegerem os terreiros destas mesmas energias. O autor entende que estas entidades são agentes de luz nas trevas.

²³ Feminino de exu.

Alguns umbandistas acreditam que quando vivos, embora não apenas (cada exu traz uma história diferente), os exus eram na verdade donos de escravos. Agora na Umbanda eles tem a missão espiritual de servir aos pretos-velhos, que foram seus escravos em vida, para poderem evoluir no mundo astral. Essa situação prova para os adeptos da religião o funcionamento da lei de ação e reação.

As imagens figurativas dos exus ainda estão fortemente sincretizadas com o diabo cristão, porém, como já explicado por Júnior (2017), os exus e pomba-giras não possuem ligação nenhuma com demônios das religiões cristãs. O autor relaciona o motivo deste sincretismo ainda acontecer à três fatores:

- a) Os símbolos de Exu pertencem a uma cultura diversa do universo cristão. Nela, por exemplo, a sexualidade não se associa ao pecado e, portanto, símbolos fálicos são mais evidentes, ligados tanto ao prazer quanto à fertilidade enquanto o tridente representa os caminhos, e não algo infernal. O mesmo pode-se dizer, por exemplo, do dragão presente nas imagens de São Miguel e São Jorge: enquanto no Ocidente cristão representa o mal, em várias culturas do Oriente o dragão é símbolo de fogo e força espirituais.
- b) A área de atuação de Exus e Pombogiras solicita elementos tais quais os utilizados por eles (capas, bastões etc.) ou que os simbolizam (caveiras, fogo etc.), vibrações cromáticas específicas (vermelho e preto) e outros.
- c) Do ponto de vista histórico cultural, quando as comunidades que cultuavam Orixás perceberam, além da segregação, o temor daqueles que os discriminavam, assumiram conscientemente a relação entre Exu e o Diabo cristão, assim representando-o, como mecanismo de afastar de seus locais de encontro e liturgia todo aquele que pudesse prejudicar suas manifestações religiosas. Nesse sentido, muitos dos nomes e pontos cantados²⁴ de Exu, do ponto de vista espiritual (energias e funções) e cultural-histórico são “infernais”. (JÚNIOR, 2017, p. 122)

²⁴ Músicas cantadas nos terreiros que nesse caso chamam e mandam embora os espíritos.

Figura 28 – Imagem de Exus e Pombagiras na Umbanda



Fonte: Disponível em <<http://magogildominghelli.blogspot.com/2012/07/assentamento-de-exu-guardiao.html>>. Acesso em 2, abr de 2019.

Júnior (2017) classifica a Linha da Esquerda tendo como composição as entidades de Exu, as de Pomba-Giras e as de Exu e Pomba-Giras Mirim. Assim como nas outras linhas, cada uma dessas entidades tem uma função diferente.

Exus quando vivos tiveram uma vida sofrida, com experiências de ódio, vingança, violência e agressões. Para conseguirem superar essas experiências terrenas é que trilham seu caminho na Umbanda em busca de evolução espiritual. Nos terreiros se apresentam de forma alegre e brincalhona (muitas vezes de maneira sarrista), porém exigindo muito respeito. Comumente são duros e frios em relação aos conselhos que dão, pois trabalham com o choque de energias. Tem seus pontos de força no cemitério, na encruzilhada ou na estrada.

As Pomba-Giras costumam ser entidades alegres e simpáticas que quando em vida terrena também tiveram experiências complicadas. Através de seu equilíbrio essas entidades “descarregam pessoas e ambientes com energias viciadas” (JÚNIOR, 2017, p. 129). Tem seus pontos de força nos mesmos lugares que os exus.

Já Exus e Pomba-Giras Mirins são entidades com funções análogas as dos exus e pomba-giras, porém se apresentam como crianças e adolescentes.

Embora já se tenha escrito neste trabalho através do autor Cumino (2010) sobre a tríade da Umbanda, Júnior (2017) em sua obra teológica reafirma a presença do Caboclo, do Preto-Velho e da Criança como forças principais constituintes da religião.

Os caboclos são grandes representantes das tribos indígenas brasileiras, os caboclos também formam imensas aldeias no mundo espiritual, tais como a Jurema e Humaitá. São espíritos que já passaram por muitas reencarnações e se utilizam da

roupagem fluídica²⁵ de índios para ensinar seu conhecimento abstraído da natureza. É devido à sua extensa preparação evolutiva, que quase absolutamente, são os espíritos escolhidos para regerem a cabeça dos filhos de santo. Tornam-se assim as entidades “pais/mães” dos médiuns.

Já os preto-velhos, grandes exemplos de humildade, são espíritos de alta espiritualidade, que quando escravos aprenderam pela dor, pelo sofrimento e pelo trabalho forçado as virtudes da tolerância, do perdão e da compaixão. É por isso que são grandes sábios que adquiriram conhecimento pela própria experiência terrena, sendo capazes de sempre confortar os médiuns e consulentes em seus momentos difíceis através de uma palavra amiga.

Conhecidas também como erês, ibejis, cosminhos, entre outros, as crianças são a representação da inocência em sua forma mais pura dentro da Umbanda. Por terem desencarnado ainda com pouca idade levam a roupagem de crianças. Costumam ser extremamente sinceros com seus ótimos conselhos e possuem uma alegria contagiante, o que faz com que sejam ótimos em descarregar energias ruins.

Embora sejam espíritos evoluídos, assim como as crianças encarnadas, os erês precisam de disciplina para que as giras não acabem virando bagunça, pois costumam ser bastante agitados, embora não se comportem todos da mesma forma.

São sincretizados com os santos católicos Cosme de Damião, tendo sua data comemorativa no dia 27 de setembro. Data em que acontecem festas em suas homenagens por todo o Brasil, onde o oferecimento de doces e brinquedos para as crianças, encarnadas e desencarnadas, é uma prática comum.

Júnior (2017) diz que a partir da força do pensamento e sentimentos os umbandistas também creem nos elementais, seres que estão presentes em diversas culturas. Eles são forças da natureza que atuam juntamente com os orixás através dos quatro elementos: fogo, água, terra e ar. De acordo com o autor são eles: dríades, gnomos, fadas, duendes, sereias, ondinas, silfos e salamandras.

O culto aos orixás e espíritos se faz dentro do terreiro e para explicá-lo Júnior (2017) apresenta uma série de conceitos e regras do funcionamento em si dessas crenças umbandistas de acordo com seus estudos.

De acordo com a teologia apresentada por Júnior (2017) um terreiro umbandista é composto por uma hierarquia na seguinte ordem: pai ou mãe de santo

²⁵ “Aparência” com a qual o espírito escolhe se apresentar, podendo varias de acordo com todas suas encarnações.

(também chamado de ialorixá para as mães e babalorixá para os pais), pais e mães pequenos, ogãs, médiuns de incorporação e cambones. Sendo num geral o pai ou mãe de santo o responsável pela direção do terreiro, tendo apoio e auxílio direto dos pais e mães pequenos, seus substitutos em caso de falta. Os ogãs são responsáveis pela curimba²⁶, seja tocando os instrumentos ou cantando, eles têm a função de manter a firmeza²⁷ dos rituais através da vibração que a música representa. Já os médiuns de incorporação são os que incorporam os espíritos e guias da umbanda, enquanto os cambones são os que auxiliam a relação entre os espíritos incorporados e os consulentes, além de manterem a ordem do terreiro.

Júnior (2017) classificou a estrutura física básica de um terreiro de acordo com as crenças umbandistas, temos assim os chamados pontos vibracionais que são locais específicos que contribuem para a firmeza e vibração do terreiro. Entre eles estão os assentamentos, que são elementos da natureza ou objetos, como pedras, conchas e moedas, por exemplo, que se alocam dentro da estrutura do terreiro e trazem a relação com os espíritos e/ou orixás. A tronqueira é também um local de firmeza, localizada na entrada, pois é nela que se encontra o espírito Exu da Porteira que protege o terreiro de espíritos maus e energias ruins. Há também o centro do terreiro, que é outro local de pilar energético localizado no chão, e juntamente, mas ao teto, fica o ariaxé, outro ponto energético. Além disso, temos o congá, local onde ficam alocadas as imagens dos orixás, espíritos, objetos litúrgicos, entre outros. Os percussionistas, instrumentos musicais e o coro também têm seu local destinado dentro do terreiro, assim como a assistência (frequentadores das giras). Em alguns terreiros há ainda a presença de uma cozinha para o preparo dos alimentos ofertados aos orixás e espíritos. Existe também um espaço destinado para o assentamento de Obaluaê, assim como um para os assentamentos dos Exus. Ademais acha-se ainda o cruzeiro das almas, que serve de local para acender vela às almas e também a casa de caboclo, onde se homenageia o espírito de caboclo que fundou a casa.

Entendendo a hierarquia e o espaço físico é possível explicar os rituais dentro de um terreiro de umbanda. Júnior (2017) esclarece que a gira é composta de uma ordem de rituais, sendo eles: firmeza para exu; abertura; defumação; preces e saudações; atendimentos e consultas; encerramento. Geralmente todos esses ritos são acompanhados de músicas e palmas.

²⁶ Prática musical dentro dos rituais na umbanda.

²⁷ Forma de segurança dentro dos rituais de umbanda.

Segundo Júnior (2017) dentro da gira acontecem alguns eventos como a defumação, por exemplo, que é o queimar de ervas, de modo que sua fumaça sirva como limpeza energética, tanto ao ambiente quanto ao corpo dos participantes da gira. Além da defumação há as obrigações realizadas pelos médiuns, sejam elas oferendas aos orixás com alimentos, ou então os preceitos realizados geralmente um dia antes à gira, como a abstinência de álcool e relações sexuais, além de uma restrição alimentar e o banho de ervas. Esses preceitos tem o intuito de manter o “corpo limpo” de energias que atrapalhem no desenvolvimento mediúnico durante a gira.

Entre os rituais estão também os toques, que são executados por três diferentes atabaques²⁸ chamados de rum, lé e rumpi, e juntamente a eles os pontos cantados que são nada mais, nada menos, que as músicas cantadas com diversos intuitos, seja para iniciar a abertura da gira, ou para chamar um espírito, entre outras funções. O hino de umbanda é um exemplo de ponto cantando.

Outro rito comum são os pontos riscados, que são símbolos riscados pelos espíritos através da pemba, um tipo de giz. Eles servem como uma “carteira de identidade” do espírito que o está desenhando, ou seja, mostra quem é o espírito incorporado e sua história. Além disso, têm sua função simbólica e mágica, pois é de onde se tira a energia necessária para um determinado objetivo no trabalho que está sendo realizado durante a gira.

Alguns elementos são bastante presentes nas giras de umbanda. Como já se pode perceber as ervas são um deles, tanto usadas para banhos quanto para a defumação e outras funções. Além das ervas temos as velas, as bebidas e também o fumo. Todos estes elementos têm funções energéticas, é deles que vem parte da energia necessária para o espírito realizar os trabalhos. Há uma definição de tipos de ervas e bebidas para cada orixá ou entidade, assim como para as cores das velas.

A vestimenta dos umbandistas também faz parte dos rituais, o branco utilizado representa oxalá, a pureza, além de ter outro sentido: o de não diferenciar os membros da gira através de seus status sociais. Usa-se camisetas brancas e calças, enquanto as mulheres podem também vestir saias. Os pés ficam descalços em sua maioria, para estarem em contato com a energia do solo, sem que haja nenhuma interferência energética. Júnior (2017) ainda aponta que em alguns casos as vestimentas podem

²⁸ Instrumento de percussão.

mudar, como numa gira de Exu, por exemplo, onde é comum os participantes usarem trajes vermelhos e pretos. Além das roupas há também o uso das guias²⁹, que têm a função de proteger o médium de más energias. Existem infinitos tipos de guias, geralmente tendo suas cores e elementos representando algum espírito ou orixá.

Embora haja polêmica sobre o assunto, Júnior (2017) afirma que o ritual de sacrifício animal é algo excluído da fundamentação da umbanda, mas ainda assim há casas que se utilizem dele, talvez pelo fenômeno da variação dos diversos tipos de “umbadas”, já apresentadas por Cumino (2010) neste trabalho. A oferenda animal para os espíritos e orixás também tem objetivo energético para o trabalho, assim como as velas, ervas e fumo. Apesar de muita gente deslegitimar as religiões de matriz africana devido ao sacrifício animal, Júnior (2017) explica que em uma parcela das vezes as partes dos animais vêm dos mesmos açougues onde se compra carne para alimentação diária. A outra parcela é tirada de animais criados dentro do próprio terreiro, onde ficam longe da crueldade dos abatedouros e da má alimentação dada por eles. Nos rituais os animais criados são muito bem tratados, não podendo haver sofrimento no abate. Enquanto algumas partes são utilizadas para os rituais de oferenda, as demais são servidas como alimento para as comunidades do terreiro.

De acordo com Júnior (2017) a umbanda partilha da crença no batismo e também no casamento, assim como na igreja católica, entretanto com suas particularidades, que por sinal podem variar de terreiro para terreiro. O batismo é feito também com a lavagem da cabeça, mas representa a apresentação do batizado para a comunidade que partilha desta fé. Já o casamento é também a união espiritual de duas pessoas, podendo ou não, dependendo de cada terreiro, realizar cerimônias hétero ou homoafetivas. Júnior (2017) aponta ainda que a umbanda também pratica o ritual de Encomendação, mais conhecido como velório, enterro e etc.

Como parte do entendimento da mediunidade e incorporação, os umbandistas acreditam também nos chacras, explica Júnior (2017). A umbanda acredita no equilíbrio do trinômio corpo, mente e espírito (JÚNIOR, 2017, p. 178). Os chacras são pontos de energia que ligam o corpo ao espírito, fator que possibilita a mediunidade, seja na incorporação, na psicografia ou na intuição, entre outros. Existem diversos chacras, mas os considerados principais são sete: chakra base, esplênico, umbilical, cardíaco, laríngeo, frontal e coronário. Cada um deles atua em uma parte diferente do

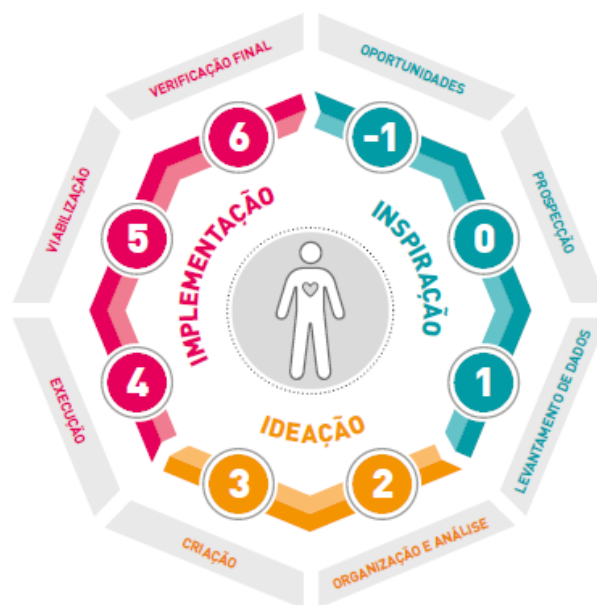
²⁹ Colares de conta.

corpo e tem uma função mediúnica diferente. Além disso, cada chacra é regido por um orixá distinto.

3 METODOLOGIA DE PROJETO

Com o objetivo de descobrir uma forma efetiva, onde o material gráfico a ser criado se aproximasse o mais perto possível do público alvo, foi utilizada a metodologia de projeto chamada “GODP - Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos: Uma metodologia de Design Centrada no Usuário”, desenvolvida pela doutora de engenharia de produção, Merino (2016). A pesquisadora teve ênfase em pesquisas voltadas às Metodologias de Processo de Design, bem como Engenharia de Produto. A metodologia proposta por Merino (2016), tem como base 8 passos dentro de 3 chaves principais (Figura 29).

Figura 29 - Método de Projeto GODP



Fonte: Disponível em <<http://ngd.ufsc.br/godp/>>. Acesso 15 de abr. 2019.

3.1 OPORTUNIDADES E PROSPECÇÃO

Oportunidades e Prospecção são os dois primeiros passos definidos na metodologia de projeto descrita por Merino (2016). Entende-se que essas duas fases

do projeto fazem parte de um levantamento anterior que norteará os rumos do material a ser criado. Sendo assim, essas fases já estão descritas na Fundamentação Teórica deste trabalho, onde identificamos a oportunidade de criação de um material que busque informar as pessoas, e que têm o intuito de realizar uma aproximação entre leitores e conteúdo, buscando assim um combate ao preconceito religioso em relação à umbanda.

3.2 LEVANTAMENTO DE DADOS

O Levantamento de Dados é a fase da metodologia de Merino (2016) onde definimos quais estratégias serão usadas para realizar pesquisas importantes para o direcionamento do produto a ser criado. Deste modo, definiu-se pontos principais para o projeto: uma pesquisa através de um questionário para descobrirmos as características do público-alvo e o tipo de material a ser criado, bem como a realização de uma análise de materiais existentes a fim de aprimorar a usabilidade do material.

O questionário conta com 8 perguntas que tem o intuito de medir índices a respeito do público, como gênero, faixa etária, nível escolar, nível de conhecimento sobre o tema do projeto, interesse do público pelo tema e também por determinados tipos de materiais para o desenvolvimento do conteúdo.

Já a análise de similares foi definida de acordo com o direcionamento do resultado do questionário a respeito do tipo de material de maior interesse apontado pelos entrevistados.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

3.3.1 Dados de Pesquisa com Público

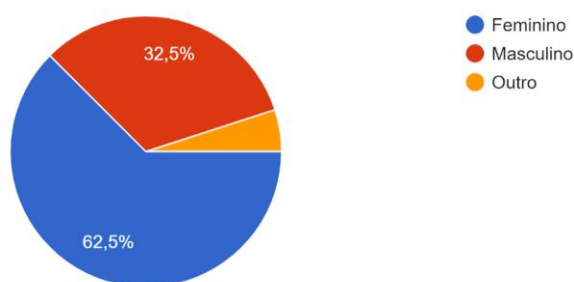
Seguindo o quarto passo da metodologia de Merino (2016) será descrito abaixo a Análise de Dados coletados.

Para iniciar serão apresentados os dados coletados através de um questionário realizado pela internet por meio da plataforma de formulários do Google (ver Apêndice A).

O formulário de pesquisa foi disseminado por meio de redes sociais e de aplicativos de contato para pessoas dentro do círculo de convivência do autor, como trabalho, família, universidade e grupos de amizade. Ainda que os grupos fossem próximos, buscou-se atingir, numa maioria, pessoas que não fossem umbandistas e pudessem ter interesse no tema de pesquisa.

O questionário foi respondido por 40 pessoas e o primeiro dado que será analisado é o gênero do público-alvo (Figura 30).

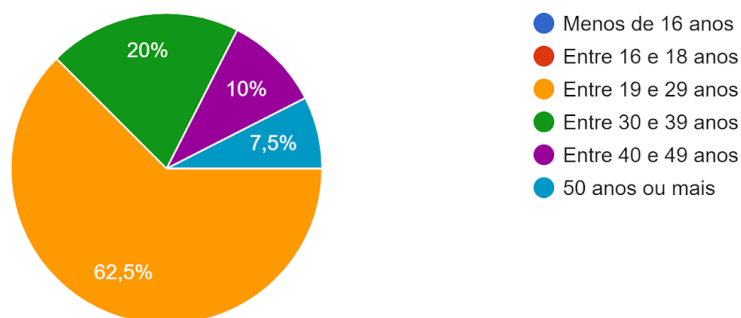
Figura 30 - Resultado da Pesquisa – Pessoas por Gênero



Fonte: o autor (2019)

Através da figura do gráfico acima é possível perceber que a pesquisa alcançou mais mulheres (62,5%) do que homens (32,5%), embora na pesquisa também estejam inclusas pessoas que se identificaram com outros gêneros (5%). Apesar do público ser maioria feminino, esse não é um fator que deve delimitar o projeto, já que vimos através da Fundamentação Teórica que o preconceito religioso não se restringe a determinados gêneros. Entretanto, é possível deduzir que a temática da pesquisa tenha atraído mais às mulheres do que outros gêneros, ainda que essa não seja uma conclusão com dados concretos.

Outro dos dados analisados no questionário é o correspondente à faixa etária (Figura 31), fator que pode ser bastante importante para o direcionamento da comunicação visual do projeto.

Figura 31 - Resultado da Pesquisa - Pessoas por Idade

Fonte: o autor (2019)

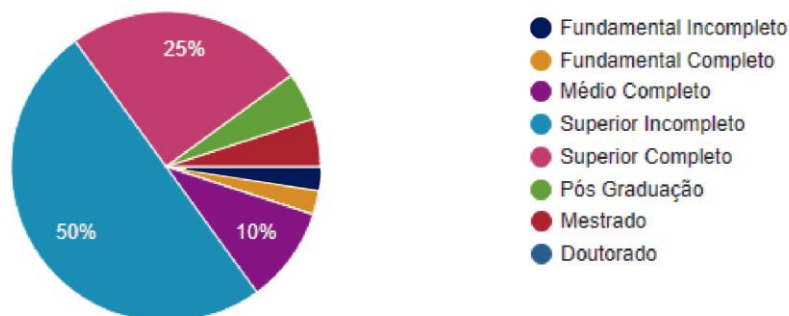
Através da tabela acima é possível ver que pelo menos 62,5% dos entrevistados são jovens de 19 a 29 anos, ou seja, mais da metade das pessoas que responderam o questionário são jovens. Enquanto isso, somam 30% as pessoas entre 30 a 49 anos, sobrando apenas 7,5% para as pessoas com 50 anos ou mais.

É justificável através desta análise que embora o material a ser criado não tenha um público com uma faixa de idade em específico, já que o preconceito pode se dar também em qualquer idade, decidiu-se realizar um recorte de público devido ao tipo de material escolhido na pesquisa (ver Figura 36, pág. 63). Por este motivo definiu-se que a faixa etária com maior índice de interesse de resposta na pesquisa seria o foco deste material, ou seja, pessoas entre 19 e 29 anos.

Outro ponto que é válido ressaltar é que a pesquisa foi feita em plataforma digital, podendo o resultado da faixa etária ter sido influenciado por esse fator, já que se deduz que jovens acessam mais meios digitais do que pessoas mais velhas.

Levando em conta que o acesso à educação é um dos motivos que levam as pessoas a terem maior acesso à informação, foi possível analisar também o nível de escolaridade dos entrevistados (Figura 32).

Figura 32 - Resultado da Pesquisa - Nível de Escolaridade



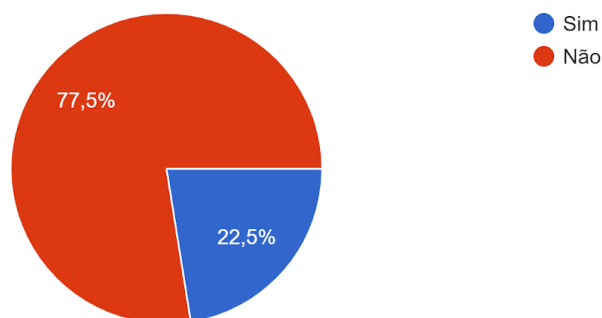
Fonte: o autor (2019)

Somando 85%, das pessoas que responderam à pesquisa, o nível escolar está entre o ensino superior e o mestrado. Sendo que apenas 10% dos que responderam estiveram no ambiente escolar até o ensino médio e 5% até o ensino fundamental.

Outro ponto importante para se indicar juntamente ao nível de escolaridade é o local de distribuição do material. Sabendo que mais de 50% do público está cursando um ensino superior e 25% já cursou, podemos delimitar alguns possíveis locais de interesse frequentados por ele, como por exemplo: bibliotecas públicas e universitárias, cafeterias, bistrôs, dentro dos próprios terreiros como material de auxílio para visitantes e posteriormente em espaços culturais num geral.

Esse dado de escolaridade afirma o levantamento de Cumino (2010), onde o autor afirma que é comum se ver jovens universitários e empresários nos terreiros de umbanda.

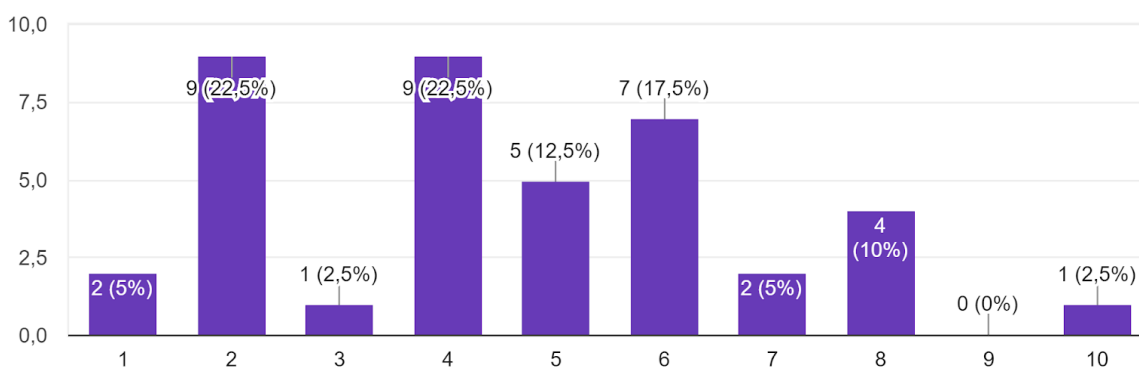
Para saber se a pesquisa gerou interesse de resposta por parte das pessoas que não são umbandistas, foi criada a questão “Você é umbandista?” (Figura 33).

Figura 33 - Resultado da Pesquisa - Umbandistas e Não Umbandistas

Fonte: o autor (2019)

Através da análise exposta na figura 33 é possível ver que há um potencial interesse pelo tema por não umbandistas, já que eles completam 77,5% dos entrevistados.

A fim de medir o conhecimento sobre o tema pelos entrevistados, foi solicitado para que marcassem em uma escala de 1 a 10, sendo 1 nada e 10 muito, o nível de conhecimento a respeito da religião umbanda.

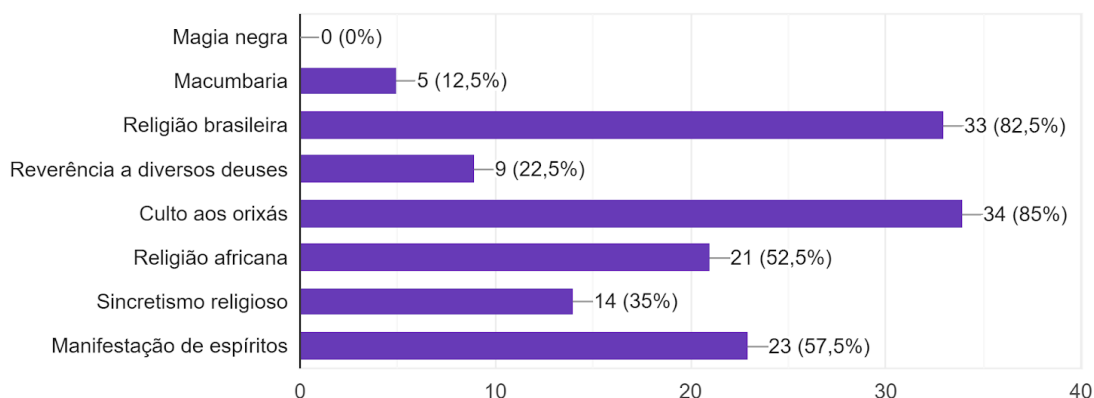
Figura 34 - Resultado da Pesquisa - Nível de Conhecimento sobre Umbanda

Fonte: o autor (2019)

Levando em consideração que o conhecimento sobre o tema é pouco no que corresponde entre o nível 1 ao 5 na escala, se pode concluir que 70% das pessoas que responderam o questionário não possuem muito conhecimento sobre a umbanda. Esse dado pode ser correlacionado ao número de pessoas que responderam se se consideram umbandistas ou não (Figura 33), já que o número de não umbandistas (77,5%) se assemelha à porcentagem de baixo conhecimento sobre o assunto (70%). Deste modo, se pode entender que a informação sobre a religião alcança muito pouco àquelas pessoas que não participam dela.

Com o intuito de enfatizar o grau de conhecimento dos entrevistados sobre o assunto, foi feita outra pergunta levantando 8 itens que poderiam ou não fazer parte ou vir a ser umbanda (Figura 35). Nesta etapa as pessoas poderiam assinalar quantos itens quisessem, sendo que apenas 4 dos itens foram considerados verdadeiros de acordo com o estudo teórico feito através de Cumino (2010) e Júnior (2017). Os itens são referentes às informações básicas sobre a religião.

Figura 35 - Resultado da Pesquisa - O que pode ser ou fazer parte da umbanda.



Fonte: o autor (2019)

Considerando que apenas os itens religião brasileira, culto aos orixás, sincretismo religioso e manifestação de espíritos, são os que designam ou fazem parte da umbanda, pode-se ver que 3 desses itens são justamente os que possuem porcentagens maiores, ultrapassando 50% das escolhas dos entrevistados, apontando que boa parte deles têm um conhecimento básico sobre umbanda.

Entretanto, 22,5% das pessoas entrevistadas acreditam que a umbanda é politeísta, bem como 52,5% acreditam que a umbanda é uma religião africana, enquanto 12,5% acreditam que o termo pejorativo “macumbaria” serve para designar a religião. Ainda assim, o outro termo pejorativo colocado na pesquisa, “magia negra”, não foi um item votado para descrever a religião.

O item sincretismo religioso pode ser um dos que mais gerem interesse ao público que desconhece a umbanda, pois é nele que podem-se enxergar relações entre a crença do entrevistado e a religião desconhecida. Este pode ser um tema bem trabalhado no conteúdo do trabalho, pois apenas 35% das pessoas reconhecem a umbanda como fazendo parte de um sincretismo religioso.

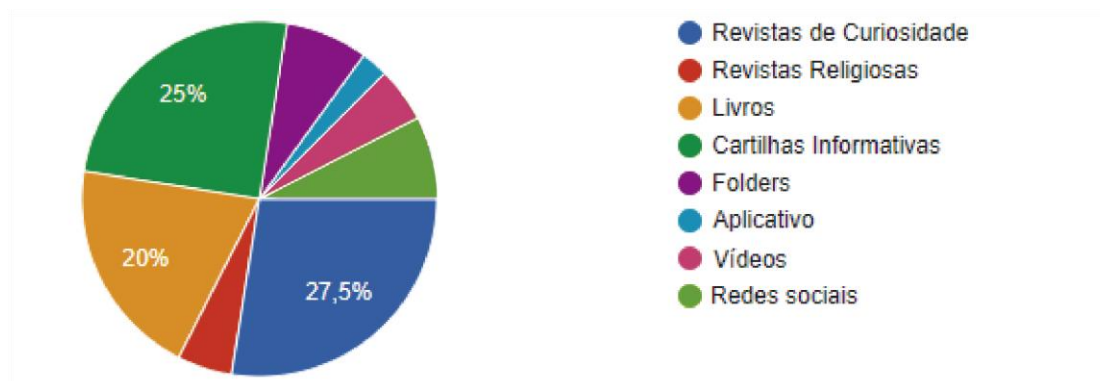
Com resposta optativa, foi questionado o interesse dos entrevistados por conhecer mais sobre a religião, e dentro de 40 pessoas que responderam ao formulário, houveram 22 resposta, sendo que 4 pessoas responderam que não tem interesse, 17 responderam ter interesse e 1 resposta com um possível interesse em conhecer mais o assunto.

Entre as justificativas para não querer conhecer mais sobre umbanda estão tópicos relacionados a falta de vontade sobre conhecer outra religião que fuja da própria fé, bem como a falta de interesse em pesquisar devido à idade avançada.

Nas respostas que tiveram interesse em conhecer o tema estão justificativas que tiveram como foco o combate ao preconceito, conhecimento por curiosidade, interesse pela diversidade e riqueza cultural, aprofundamento nos conhecimentos básicos, interesse pela história da religião, busca de entendimento sobre os espíritos e desmistificação de sensos comuns e estereotipados sobre a religião.

Como pergunta final do questionário estava qual o tipo de material em que os entrevistados se interessariam em conhecer mais sobre o assunto (Figura 36).

Figura 36 - Resultado da Pesquisa - Tipos de Materiais de Interesse



Fonte: o autor (2019)

Com base na pesquisa de interesse com os entrevistados, o material mais votado (27,5% da escolha) e escolhido para o desenvolvimento do material foi uma revista de curiosidade. O exemplo dado ao público sobre este tipo de material foi a revista Superinteressante.

Vale a pena ainda salientar que a votação ficou bastante acirrada entre 3 tipos de materiais: revista de curiosidade (27,5%), seguido por cartilhas informativas (25%) e então livros (20%). Os demais materiais não ultrapassaram 10% da porcentagem

total, entretanto podemos notar um interesse de 15% em materiais que fossem digitais, podendo ser vídeos, aplicativo e/ou redes sociais.

Sendo assim, a proposta gráfica para este projeto é de uma revista entre 16 a 24 páginas, com um conteúdo prático sobre a umbanda que seja apresentado com tom de curiosidade, dentro de uma linguagem que atraia um público jovem, entre 19 a 29 anos, que frequenta ou frequentou recentemente um ambiente acadêmico, podendo ser distribuída nos locais interesse deste público, como já citado acima (pág. 60). O intuito do projeto é que não seja uma revista comercial, ou seja, tenha um investimento e sua distribuição gratuita, por grupos ou empresas que apoiem o combate à intolerância religiosa, ou até terreiros ativos na comunidade, como é o caso do Terreiro do Pai Maneco, localizado em Curitiba, por exemplo.

3.3.2 Análise de Similares

Considerando o material com maior porcentagem de escolha pelo público entrevistado, foi feita uma coleta de revistas para análise. Em primeiro momento houve um total de 12 revistas (Figura 37), sendo elas: 3 Superinteressante; 3 Mundo Estranho; 2 Aventura na História; 1 Desvendando a História; 1 Vida & Religião; 1 Grandes Temas do Espiritismo; e 1 Revista dos Orixás.

A priori as revistas foram escolhidas por dois fatores: proximidade com o tema proposto por este trabalho e também pela linguagem e tom das revistas. Essas escolhas surgiram pela necessidade de entender sobre o tipo de material mais votado que foi apurado pela pesquisa.

As Superinteressante e Mundo Estranho possuem uma linguagem mais jovem e curiosa, fator que interessa neste projeto para atingir pessoas leigas sobre o assunto tratado neste TCC. Entre os títulos coletados existem temas sobre coisas sobrenaturais e místicas, possível proximidade com o misticismo da umbanda, podendo trazer mais questões para dentro da análise que será feita. Já as revistas de história (Aventuras na História e Desvendando a História) trazem também uma linha linguagem que instiga a curiosidade do público. Entre a chamada destas revistas haviam temas como Allan Kardec e pessoas importantes para a história do Brasil. Próxima a estas revistas está a Vida & Religião, que trata de assuntos religiosos, mas com uma linha de linguagem que também busca despertar interesse com chamadas

intrigantes. Outra revista coletada que possui proximidade ao tema foi a Revista dos Orixás e também, embora com outro tipo de linguagem, a revista Grandes Temas do Espiritismo.

Figura 37 - Primeira Seleção de Revistas para Análise



Fonte: o autor (2019)

Após essa primeira seleção de revistas foi necessário criar um funil para definir menor quantidade de revistas a serem analisadas. Sendo assim, a primeira resolução foi selecionar uma de cada título e após, definir então quais delas teriam maior relação com o tipo de material escolhido para ser desenvolvido (revista de curiosidades). Portanto, foi definido que se analisariam 3 revistas (Figura 38) dentro deste processo.

Figura 38 - Segunda Seleção de Revistas para Análise



Fonte: o autor (2019)

As revistas selecionadas são 1 Superinteressante, 1 Mundo Estranho e 1 Vida & Religião. Elas foram escolhidas por aparentarem ter seu tom e linguagem próxima ao que se quer passar ao público-alvo. Através da capa é possível perceber que as duas primeiras são bastante instigantes em suas chamadas e modo de comunicação, enquanto a última tem um viés religioso, provocando o leitor a ler sobre temáticas curiosas de diversas religiões.

Para que fosse possível fazer a análise dessas 3 revistas, foi necessário definir alguns itens que pudessem nortear as principais características de análise formal. Os pontos foram definidos por: suporte do material, formato, acabamentos, marca, chamadas, tipografia, grid e mancha gráfica, cores, elementos de repetição, tom/linguagem.

A primeira revista a ser analisada é a Superinteressante da editora Abril, edição 267 do mês de junho do ano de 2009, com título “Paranormais” (Figura 39).

Figura 39 – Capa Superinteressante – Paranormais



Fonte: o autor (2019).

O suporte do material da revista (Figura 39) é de couchê brilho 120g para a capa e couchê brilho 75g para o miolo. A revista tem o formato fechado de 20,2 x 26,3 cm e é feita em uma encadernação canoa com 2 grampos. A quantidade de páginas é de 100.

Começando pela capa, a marca da revista tem um grande peso comparado aos demais elementos e fica localizada no canto superior esquerdo da revista. Já as chamadas possuem 3 níveis de hierarquia, sendo que a chamada da matéria principal fica no centro, com fonte ilustrada sob o título “Paranormais”, acompanhada de uma ilustração de um rosto espectral, sob as cores verdes e azul neon, juntamente ao preto, provocando um ar de mistério. Abaixo da ilustração está uma descrição sobre o assunto. Essa chamada fica emoldurada com a cor vermelha da marca, sendo esse um dos elementos sempre presentes nas capas dessa revista.

A segunda chamada fica localizada no canto superior direito, dentro de um box de pouco contraste, com uma fonte na cor amarela, que a diferencia das terciárias, que são brancas, e é também acompanhada de uma descrição. Já as chamadas terciárias são 5 e ficam na base inferior da revista, lado a lado, alternando entre o peso entre as palavras chave de cada chamada, dando destaque para alguns termos. Há também o número da página onde se encontram as matérias citadas.

Outros elementos presentes na capa são a marca da Editora Abril, no canto inferior esquerdo, e uma tag de edição, mês e ano abaixo da chamada secundária. As localizações, não só desses itens, mas de todos citados anteriormente são fixos em

todas as demais edições coletadas para análise dessa mesma revista. Já no que diz respeito à tipografia, não há nenhuma que seja serifada.

Passando agora para a análise do miolo (Figura 40), é possível perceber que o grid é predominantemente utilizado sob a função de 3 colunas. Entretanto, há variações em algumas páginas que permitem com que exista um dinamismo na leitura das matérias.

Figura 40 - Exemplo de Diagramação Revista Superinteressante



Fonte: o autor (2019).

Há alguns elementos de repetição que servem para auxiliar a uniformidade e reconhecimento da revista, como as sessões, por exemplo, que ficam categorizadas por algumas palavras chave que aparecem no canto superior esquerdo, indicando o assunto sobre qual a matéria fala. Além disso, temos a paginação, sempre aparecendo no canto inferior direito ou esquerdo, dependendo se da página ser esquerda ou direita. Outros elementos que aparecem comumente são alguns ícones que servem para indicação de continuidade de uma matéria para a próxima página ou de finalização da matéria. Eles aparecem ou no início ou no final dos textos.

As fontes utilizadas num geral são sem serifa para os textos corridos e com serifa para os títulos, que ganham maior peso e cores diferentes. Já sobre as cores, num geral, há predominância do preto, vermelho e branco, sendo que as duas últimas reforçam a identidade da marca.

Os elementos comuns de dinamismo nas colunas são ilustrações, olhos e box com textos e/ou mais ilustrações. Além disso, existem muitas páginas duplas com infográficos que auxiliam no tipo de comunicação jovem da revista. Para

complementar esse tipo de comunicação os títulos costumam ser perguntas, ou termos que deixam um “gosto de quero mais”, além de títulos alternativos e bem-humorados logo acima dos títulos normais, dentro de uma pequena tag colorida.

A segunda revista a ser analisada é a Mundo Estranho, também da editora Abril, 153 de junho de 2014 com o título de chamada principal “Sacrifícios Humanos” (Figura 41).

Figura 41 - Capa Mundo Estranho - Sacrifícios Humanos



Fonte: o autor (2019).

Para a esta revista (Figura 41) o material é o mesmo que o da anterior analisada, tanto para capa quanto miolo. Seu formato fechado é de 20 x 26,4 cm com uma encadernação canoa com 2 grampos e quantidade de 68 páginas.

Sua capa leva a marca Mundo Estranho em duas linhas, sendo Mundo na cor (verde) e em maior peso, centralizado ao canto superior direito. A palavra estranho está menor e na cor branca abaixo da palavra Mundo.

A ilustração relacionada à chamada principal “Sacrifícios Humanos” ocupa a página de capa inteira e é a imagem de um personagem que representa um índio, ou um indivíduo de um povo ancestral, segurando um coração (relacionado ao tema em destaque). O título da chamada principal está na cor branca em letras maiúsculas e é o segundo item de maior hierarquia, perdendo em peso apenas para a marca. Ele fica localizado na parte inferior da revista, pendendo mais ao lado direito e é acompanhado de uma descrição abaixo na mesma cor.

Há ainda 5 segundas chamadas, com menor hierarquia de importância, que ficam alinhadas ao lado esquerdo, na vertical, do topo à base da página. Essas chamadas, diferente da revista Superinteressante, são ilustradas numa estética de *sticker* e possuem seus textos blocados em boxes coloridos (neste caso é o mesmo verde da marca). Entretanto há também um peso maior para alguns termos principais das chamadas secundárias. Já a marca Abril e seu box de edição e preço se localizam no mesmo lugar que revista Superinteressante.

As cores predominantes na capa são tons de amarelos, verdes e azuis com alguns detalhes em vermelho. Enquanto as tipografias usadas são todas sem serifa nas cores verde, branco e preto.

Figura 42 - Exemplo de Diagramação Revista Mundo Estranho



Fonte: o autor (2019).

O interior da revista (Figura 42) apresenta um grid extremamente flexível, o que traz imenso dinamismo para a revista. Entretanto, ainda é possível perceber que assim como na Superinteressante, a Mundo Estranho também possui bastante páginas diagramadas no modelo de 3 colunas.

O que não dá para deixar de notar é que nesta revista as imagens e ilustrações aparecem predominantemente. Há diversas páginas duplas com infográficos, ilustrações e fotografias, enquanto os textos são reduzidos e curtos com palavras em destaque, ou negritadas ou em mini boxes coloridos. Já os títulos são sempre maiores e com maior peso.

Os elementos de continuidade e finalização de matérias não existem, ao contrário da Superinteressante, talvez pelo fato de nem serem necessários já que os tópicos são bem sucintos e finalizam rapidamente. Já os elementos de repetição, como as seções e paginação, continuam aparecendo no mesmo lugar da revista analisada anteriormente. Entretanto as categorizações que auxiliam na localização do leitor são mais lúdicas, já que possuem sempre uma pequena ilustração ao lado e tem uma fonte mais divertida que se apresenta na contra forma de um box preto. Aliás, box e tags são elementos bastante utilizados para dar destaque em alguns textos, inclusive no pequeno título alternativo que desperta interesse, conforme já vimos na análise anterior.

As tipografias utilizadas são todas sem serifa, o que é explicado pelos textos curtos e fáceis de ler. Já as cores são difíceis de analisar num padrão, já que devido à grande quantidade de imagens, acabam sendo muitas, tornando a revista hipercolorida.

Através dessa análise se pode entender que a revista é feita para um público ainda mais jovem, com temas brincalhões e conteúdo sintetizado, priorizando as imagens e ilustrações.

Para finalizar a análise, a terceira revista é a Vida & Religião da Editora Online, edição número 3 do ano de 2002 com chamada principal “Santo Sudário” (Figura 43).

Figura 43 - Capa Vida & Religião - Santo Sudário



Fonte: o autor (2019).

Na revista Vida & Religião (Figura 43) o suporte da capa é de couchê brilho 120g e para o miolo 90g. Seu formato fechado é de 25 x 27,2 cm com uma encadernação canoa com 2 grampos e uma quantidade de 52 páginas.

A capa tem as cores amarelo, vermelho, branco e preto, sendo as cores da marca o preto e o vermelho. Existe uma moldura nas margens que é delimitada por linhas pretas, sendo que para fora há uma textura ilustrada amarela que se assemelha a peças de azulejo ou pedras encaixadas.

Dentro da moldura está a marca centralizada no topo com uma fonte serifada, sendo que a palavra religião tem seu tamanho bem maior em relação às demais palavras. Há também um ornamento horizontal e amarelo abaixo da marca que percorre desde o início da primeira letra até o final da última. A marca e o box com código de barras, ano, preço e edição ficam logo abaixo da marca alinhados à margem esquerda da capa.

No meio da página, ocupando grande parte do centro da página e alinhado ao lado direito está a imagem do que parecer ser uma pintura antiga e borrada da figura de Jesus Cristo, mais para baixo está a chamada principal blocada em um box preto e com letras grandes e amarelas, tendo um subtítulo descritivo em branco. Colado ainda ao box preto, existe uma faixa vermelha com as chamadas de matérias terciárias com os nomes de alguns santos nas cores branca e amarela. Ao lado esquerdo desses elementos tem outra imagem de Jesus, mas dessa vez, ao invés de pintura, é uma escultura. Acima da escultura existem 3 chamadas secundárias, todas alinhadas ao lado esquerdo da capa com títulos grandes e vermelhos e descrições em preto abaixo deles. Com exceção da marca, todas as demais fontes não são serifadas.

Figura 44 - Exemplo de Diagramação Revista Vida & Religião



Fonte: o autor (2019).

Nas páginas do miolo (Figura 44) é possível perceber que há também um grid bem definido por 3 colunas em quase todo o material. Entretanto as colunas fixas do

grid não fazem faltar tanto dinamismo na revista, já que as páginas são tematizadas com ilustrações e fotografias, tornando-as um tanto diferentes umas das outras e criando uma identidade própria para o material. Vale lembrar que dentro dessa tematização o uso de bordas como na capa é recorrente.

Os conteúdos são extensos, com blocos de textos grandes e com uma tipografia serifada para o texto contínuo, enquanto os títulos são mais pesados e sem serifas. O uso de capitulares, de olhos e boxes com ilustrações são comuns, assim como textos que contornam as imagens e ilustrações. Outro elemento recorrente são linhas dividindo e blocando os textos nas colunas.

Dentre os elementos de repetição estão as categorias de temas que ficam no canto superior esquerdo, assim como nas revistas analisadas anteriormente, mas agora dentro de um box apenas com contorno e ornamento no lado superior, lembrando um pergaminho se abrindo.

A paginação deste material também aparece nos cantos inferiores para os lados de fora das páginas. Além disso, há um novo elemento que não aparecia nas revistas anteriores: linhas que delimitam as margens nas páginas esquerdas e tem o nome da revista escrita acompanhando-as com escrita na vertical.

As cores predominantes na revista são tons de verdes e amarelos, além de diversas páginas brancas, com exceção das páginas duplas assíduas no material que tematizam alguns assuntos conforme já comentado.

A revista Vida & Religião tem um conteúdo mais denso com textos grandes que tornam as manchas gráficas fortes. Fator que leva a entender que não é uma revista voltada para um público jovem como as demais revistas analisadas, embora ela ainda busque ser atrativa devido as páginas temáticas e suas formas próprias de dinamismo com textos que brincam contornando as imagens.

3.4 CRIAÇÃO

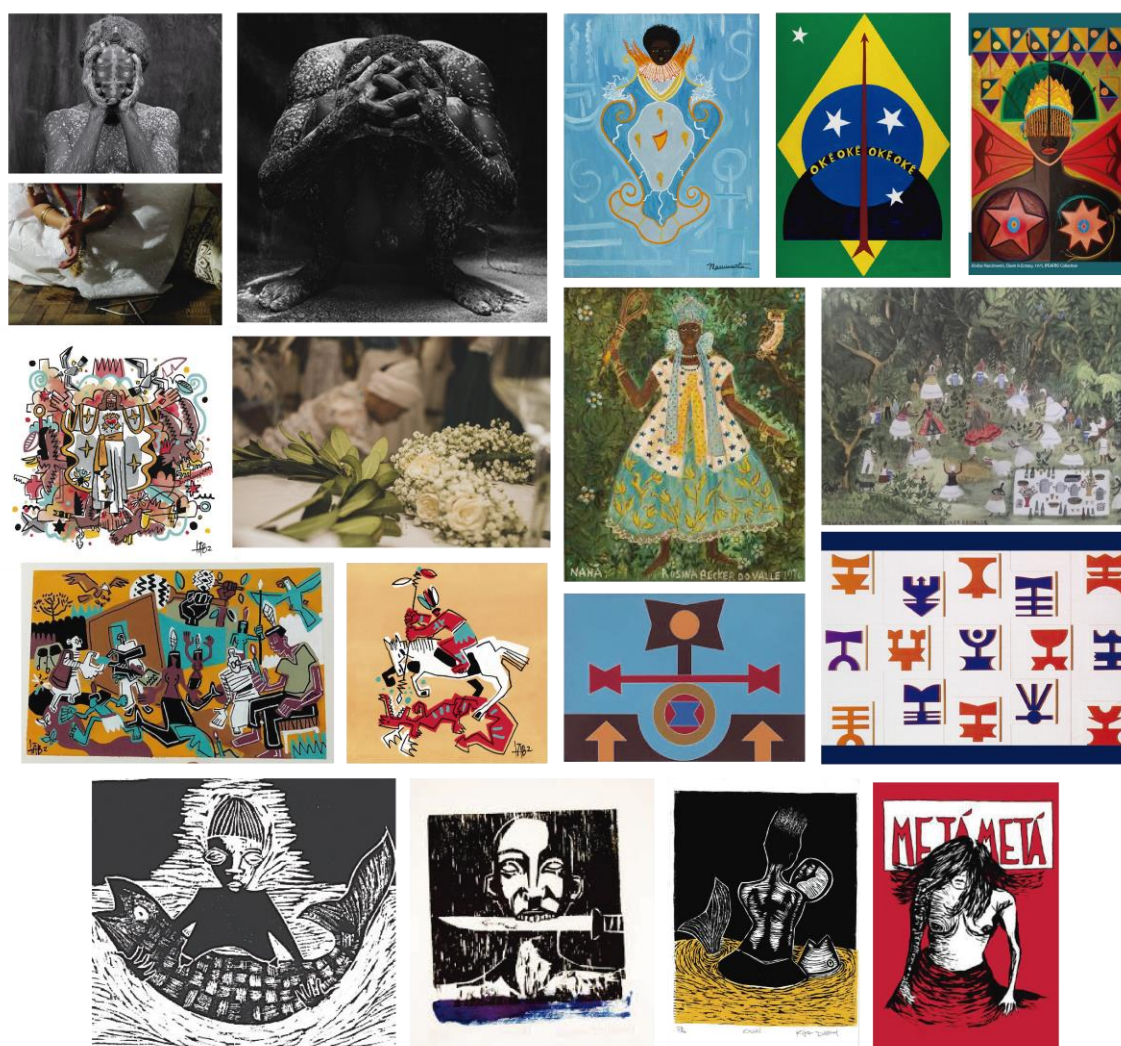
De acordo com a metodologia de Merino (2016), a fase de criação consiste nas etapas de definição de conceitos, geração de ideias, criação de alternativas e protótipos, seleção de propostas, refinamento e a apresentação da proposta. Sendo assim, discorrerá nos tópicos abaixo os passos do processo de criação do projeto.

3.4.1 Moodboard

Para começar o desenvolvimento do projeto gráfico optou-se por escolher o *moodboard* como ferramenta inicial. De acordo com McDonagh e Denton (*apud*. GERENDA et. al., 2014, p.3), o *moodboard* é um quadro que serve como ferramenta para identificar e solucionar problemas. Ele consiste em uma compilação de referências visuais que auxiliam no andamento do processo de design, facilitando a comunicação, seja transpassando uma ideia ou briefing, acessando sentimentos e/ou expressando valores.

As imagens escolhidas para o *moodboard* abaixo foram encontradas a partir de referenciais próprios do autor e também da obra sobre arte afro-brasileira do doutor em história Conduru (2016). Elas têm o intuito principal de trazer referências estéticas que colaborem na construção da linguagem da revista com foco no tema a ser tratado, ou seja, a umbanda.

Figura 45 – Moodboard



Fonte: o autor (2019).

As imagens selecionadas para o painel (Figura 45), são uma coletânea de fotografias, xilogravuras, ilustrações e obras de arte que possuem relação com a estética afro-brasileira. Dentre os autores estão obras de Rubem Valentim, Rosina Backer do Valle, Mário Cravo Neto, Abidias do Nascimento, Kiko Dinucci, Mônica Lachman e Fabiano Vianna. Sendo destes artistas, dois curitibanos (Mônica e Fabiano) e cedentes de suas fotografias e ilustrações para incorporação à revista.

3.4.2 Tom e Linguagem

Para Scalzo (2004), jornalista e consultora de projetos editoriais, a revista têm o poder de unir a educação e o entretenimento. A diversão mostrada através de

imagens, sejam gravuras ou fotos, consegue levar o leitor até lugares onde ele jamais estaria, de acordo com a jornalista. Ainda assim, a revista é capaz de educar, fornecendo conteúdos com facilidade, já que não podendo, ou não querendo se aprofundar em um livro, por exemplo, o leitor encontra na revista assuntos específicos sem muito esforço de pesquisa e leitura. Scalzo (2004) entende que a revista tem o objetivo de complementar a educação através desse aprofundamento de assuntos específicos.

Segundo Scalzo (2004) a revista é um material que tem foco absoluto no leitor. Ela deve ter um direcionamento objetivo sobre quem a lê, bem como conhecer o rosto deste leitor e saber exatamente com quem se está falando. É deste modo que o tom da revista produzida neste projeto irá se comunicar com o público, buscando apresentar uma linguagem atrativa, capaz de alcançar leitores que se prezem a ler sobre o assunto umbanda, de maneira divertida e com intuito de educar um percentual de pessoas que desconheçam o tema.

Os direcionais de público escolhidos para esta revista são exemplificados no que se refere à análise de dados deste trabalho. Assim conseguimos delimitar um público através de uma pesquisa realizada e também encontramos uma base para a comunicação que será elaborada dentro do material gráfico devido à análise de revistas similares.

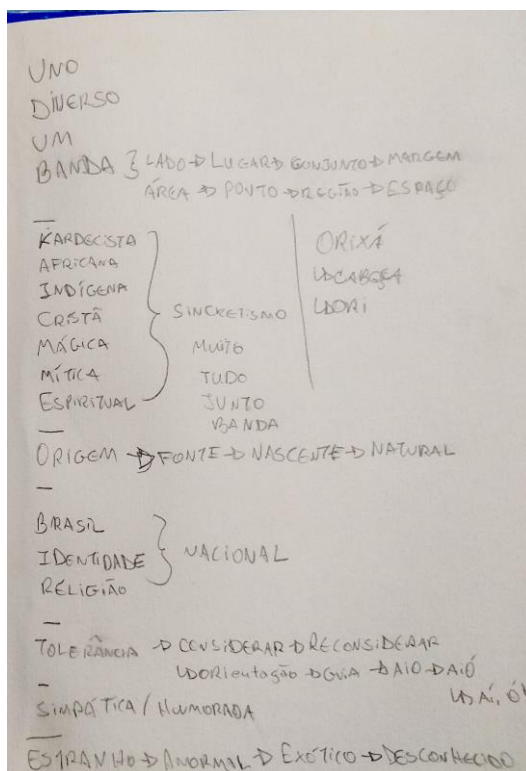
3.4.3 Nome e Marca

Segundo o professor Furtado (2009) a marca da revista é um dos principais elementos que compõe o editorial, já que ele serve como objeto de fixação e cria uma proximidade com o leitor. O professor ainda ressalta que a criação de uma marca deve ser motivo de muito estudo, já que são o conjunto de seus elementos que vão criar uma representação harmônica na cabeça do leitor.

Em primeiro momento o termo popular “Chuta que é macumba” deu a ideia de um possível nome para revista, originando a brincadeira com o termo que resultaria em “Não chuta que é macumba”. O nome por si só já explica que a revista trataria de assuntos religiosos relacionados à palavra macumba, de modo a se repensar conceitos sobre o que o senso comum direciona a este termo. O uso do dito popular proporciona uma brincadeira humorada que reforça o tipo de comunicação que se

deseja ter dentro do material. Entretanto, o termo macumba poderia afastar de imediato possíveis leitores e pessoas leigas sobre o assunto. Sendo assim, desenvolveu-se um *brainstorm* utilizando algumas palavras-chave dentro da temática da revista, que pudessem direcionar a criação de novos nomes.

Figura 46 - Estudo de palavras para nome da revista



Fonte: o autor (2019).

Dentre as palavras obtidas através do estudo, entre as últimas opções surgiu a palavra guia, de modo que sugerisse que a revista fosse um “manual” sobre algum assunto, podendo também transmitir a ideia de guia espiritual após o entendimento do que a revista trata como tema. Entretanto, o termo não transpassa o humor necessário para que torne a revista algo divertido e atraente.

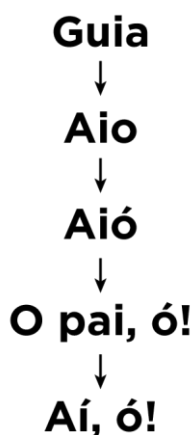
Foi através da palavra guia que se pode chegar a palavra aio, que significa criado e tutor que conduz os filhos de famílias ricas, palavra sinônimo de escudeiro e de origem grega. A palavra aio trouxe outra palavra em voga: aió.

Aió é o nome que se dá a uma bolsa de origem nacional, feita no nordeste do Brasil, através do entrelaçamento de folhas de uma planta chamada caroá. O termo de origem nacional deu credibilidade ao conceito do que viria a ser o nome da revista, já que a umbanda também tem sua origem no Brasil, bem como o uso de uma folha

nacional, que se relaciona às culturas indígenas. Além de que, o termo em si não traz uma primeira impressão que poderia afastar possíveis leitores. Ainda assim, é uma palavra que para muitos faltaria significado. Optou-se então por fazer uma brincadeira com a palavra, de modo que se assemelhasse a uma expressão popular brasileira “ai ó”, como se alguém dissesse: “olha aí!”. Utilizando assim, um termo nacional e que também tem relação ao termo regional baiano “Ó pai, ó”, que é uma contração de “olhe para isso, olhe”.

Dentro desta construção dos significados e palavras, decidiu-se que o nome dado à revista seria “Aí, ó”, uma expressão nacional que instiga o leitor a procurar o significado do que é que está sendo apontado para se olhar. Provocando o público a olhar o que é que existe dentro da revista, e usufruindo de uma expressão que é de fácil entendimento aos brasileiros.

Figura 47 - Esquema de construção do nome



Fonte: o autor (2019).

Com base nas obras de Rubem Valetim, apresentado como referência no *moodboard*, foram trabalhadas as primeiras alternativas de marca gráfica, com design bastante geométrico e cores chapadas (Figura 48).

Figura 48 - Desenvolvimento de marca (01a)



Fonte: o autor (2019).

As primeiras opções não conseguiram passar muita legibilidade da expressão que dá nome à revista. Além de serem blocos muito pesados com muita informação. Em busca de melhorar o entendimento e reduzir elementos foram feitos mais testes de formas (Figura 49).

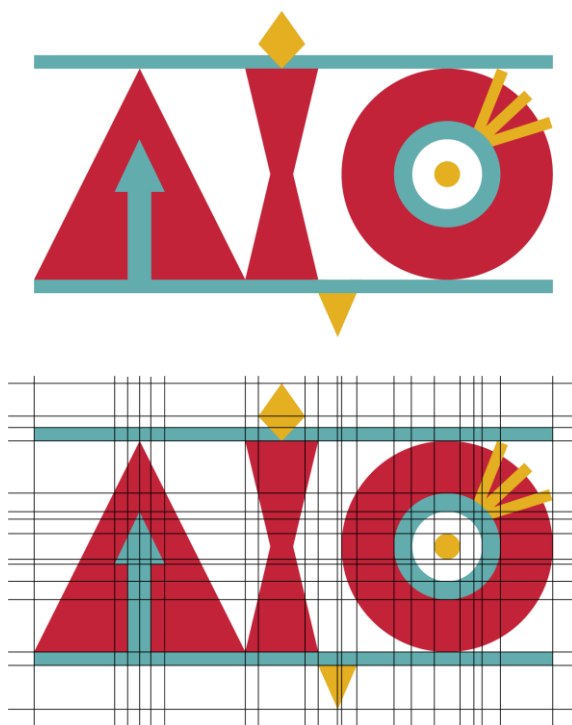
Figura 49 - Desenvolvimento de marca (01b)



Fonte: o autor (2019).

Com elementos mais limpos e testes de variação de cor, foi possível chegar a um resultado mais próximo do esperado para a marca gráfica. Entretanto a o "ó" ainda não estava tão claro de ser ler. Deste modo, com o retoque final no elemento que viria a ser o acento, foi finalizado a primeira opção (Figura 50).

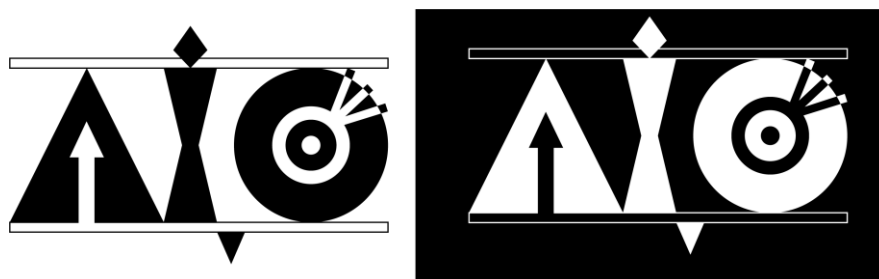
Figura 50 - Desenvolvimento de marca (01c)



Fonte: o autor (2019).

Para trazer dinâmica às capas, optou-se que as cores da marca pudessem vir a ser cambiantes, de modo que se adequassem a cada capa de acordo com seu conteúdo e ideia. Já sobre os elementos, se pode notar que na letra A há uma seta que ajuda a remeter a ideia de indicar/apontar para algo, reforçando a palavra “Aí”, bem como o Ó assemelha-se à um olho, aproximando o conceito de olhar/ver. Além disso, foram desenvolvidas suas versões em preto e branco (Figura 51).

Figura 51 - Desenvolvimento de marca (01d)



Fonte: o autor (2019).

A segunda proposta desenvolvida de marca foi baseada em um design vernacular, de modo que viesse a mostrar que a revista seria um objeto acessível, capaz de “ser distribuído em uma feira”.

Para a criação desta proposta foi usado como elemento principal a fonte desenvolvida pelo designer Crystian Cruz, chamada Brasilêro (Figura 52). A tipografia é baseada em “letreros escritos à mão em diversas cidades brasileiras” (CRUZ, 2018).

Figura 52 - Fonte Brasilêro

BRASILÊRO
 ABCDEFƒHIŒKLMNOPQRSTUVWXYZ
 ABCDEFƒHIjKLMNOPQRSTUVWXYZ
 1234567890.,:;!?

Fonte: o autor (2019).

Desta forma, foi criada a segunda proposta, com um desenvolvimento que trouxe pequenas alterações em cima da tipografia original e com testes de cores (Figura 53).

Figura 53 - Desenvolvimento de marca (02a)

Aí, Ó Aí, óó
 Aí, Ó Aí, óó
 Aí, óó Aí, óó

Fonte: o autor (2019).

Baseada em placas de preço de mercado, adicionou-se um bloco de cor amarelo ao fundo da marca a fim de buscar reforçar o conceito de vernacular (Figura 54).

Além do bloco amarelo, foram testadas três cores que viriam a ser as cores de canetões mais comuns a serem utilizadas nas placas de mercado: vermelho, preto e azul. E ainda no contexto vernacular, a formatação das letras dá-se de maneira próxima aos numerais precificadores de produtos: R\$00,00; ou neste caso “Aí, óó.”

Figura 54 - Referência vernacular



Fonte: o autor (2019).

A blocagem do texto não teve resultado tão interessante, já que cria uma delimitação muito grande para o texto, contendo uma cor bastante característica que poderia dificultar a aplicação da marca em determinadas capas. Por este motivo, desenvolveu-se uma versão mais limpa, sem o box (Figura 55). Versão essa, que assim como na primeira opção de marca, busca reforçar as ideias de indicação/apontamento para a palavra “Aí” através da sequência de acentos agudos, e também remeter ao conceito de olhar, já que os dois “óó” lembram figurativamente a imagem de dois olhos.

Figura 55 - Desenvolvimento de marca (02b)

Aí, óó

Fonte: o autor (2019).

Para auxiliar na escolha das opções de marcas desenvolvidas foram realizadas aplicações em alternativas de capas para a revista (Figura 56). Mais para frente neste projeto será apresentado o desenvolvimento das capas mostradas agora.

Figura 56 - Aplicação de marca em capas



Fonte: o autor (2019).

Através do comparativo de marcas foi possível verificar que a segunda opção possui uma legibilidade facilitada, enquanto a primeira alternativa tem formas mais elaboradas. Entretanto, a segunda alternativa perde um pouco do seu conceito quando fora do box amarelo, além de que pode trazer uma leitura desqualificatória para a revista, já que por tratar-se de algo vernacular e muito popular, pode-se entender que o material não tem um conteúdo que foi estudado. Sendo assim, optou-se por escolher a primeira alternativa como marca para o material, já que conceitualmente possui uma elaboração mais concisa, além de ser uma composição de maior peso e mais fácil fixação.

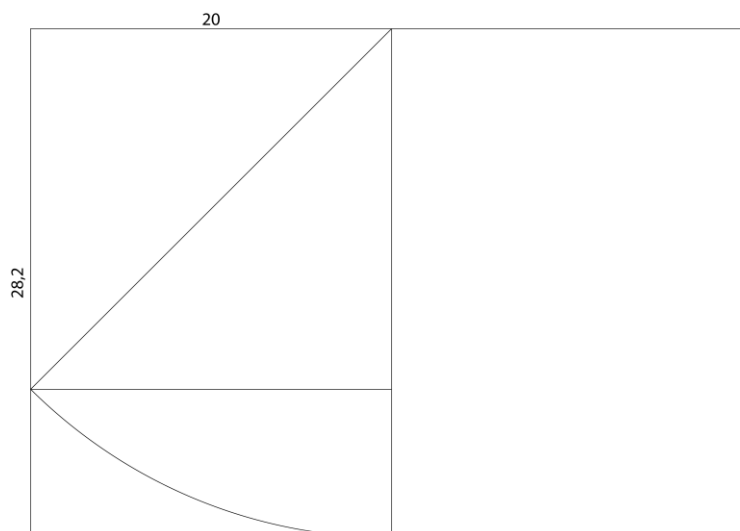
3.4.4 Formato

De acordo com o professor e mestre em design e tecnologia, Furtado (2009), o formato de uma página pode ser definido pelo formato DIN, conhecido também como formato internacional. Este formato foi desenvolvido pelos alemães em 1911 com o intuito de economizar papel, buscando o aproveitamento máximo do material.

Para definir o formato da página deste trabalho, utilizou-se a norma DIN, que segundo Furtado (2009), prevê a forma através de um quadrado. A largura do quadrado foi definida pela análise de outras revistas, buscando assim um padrão comum entre elas, de modo que não fugisse do habitual conhecido pelos

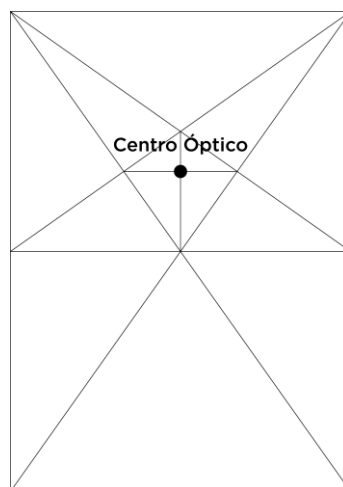
consumidores de revistas. Sendo assim, chegou-se à uma largura de 20cm, e a partir do quadrado criado através dessa medida, sua base foi multiplicada pelo número 1,4142 para se descobrir a altura proporcional normatizada da página. Pelo do cálculo realizado se teve o resultado de uma altura de 28,2cm, ou seja, o formato da página foi definido em 20cm x 28,2cm (Figura 57).

Figura 57 - Formato da página



Fonte: o autor (2019).

Com o formato da página pronto, é viável determinar o centro ótico da página. Furtado (2009) explica que para isso é necessário traçar duas diagonais entre os cantos da página, definindo o ponto geométrico. A partir desse ponto, traça-se uma linha vertical e horizontal que dividem a página em quatro partes iguais. Nos dois primeiros quadrantes, é necessário desenhar duas novas diagonais. No local onde as diagonais dos quadrantes se cruzam com as diagonais da página, se faz uma linha horizontal que passa pela linha vertical da página. É nesse ponto de encontro que se define o centro ótico (Figura 57).

Figura 58 - Centro óptico da página

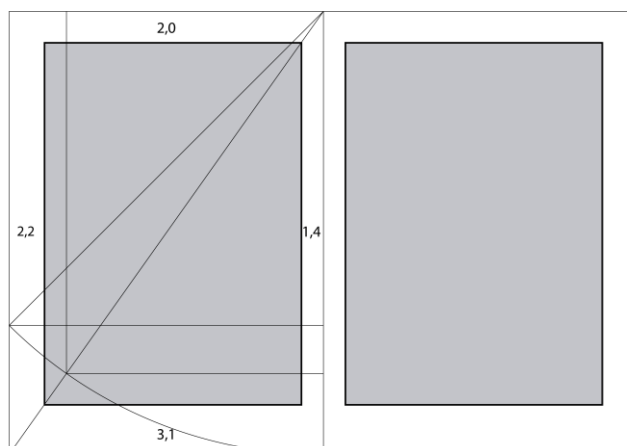
Fonte: o autor (2019).

3.4.5 Grid e Mancha Gráfica

Após a definição do formato da página é possível definir outros elementos importantes para o projeto da revista, como a mancha gráfica e as colunas.

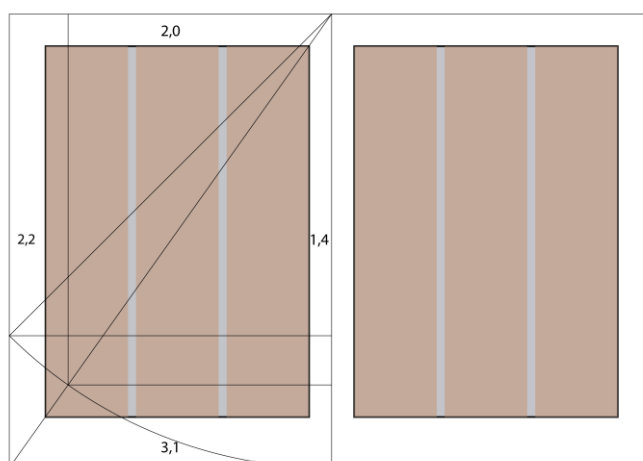
De acordo com Furtado (2009) a mancha gráfica em qualquer projeto editorial serve como área de distribuição para todos os elementos, sejam figuras ou textos. Essa área é definida pelas margens que se dão à página, e embora seja opcional ao designer escolher a margem que melhor lhe convém, existem algumas regras que podem ajudar a defini-las.

Furtado (2009) explica que é possível definir as margens da página traçando uma diagonal na página e traçando uma reta vertical no ponto onde a diagonal encontra o arco formado pela diagonal do quadrado. O retângulo que se forma é a área da mancha gráfica, podendo ser reposicionado dentro da diagonal da página, formando as margens. No caso deste projeto as margens escolhidas foram assimétricas, com o intuito de trazer maior dinamicidade à leitura do material. Sendo assim, a margem superior tem 2cm, a inferior tem 3,1cm, enquanto a esquerda possui 2,2cm e a direita 1,4cm. Basta refletir a página para que se forme o par (Figura 58).

Figura 59 - Margens da página

Fonte: o autor (2019).

Já definida as margens, é necessário ainda que se formem as colunas da revista. No mercado editorial, de acordo com Furtado (2009), há uma predominância no uso de três colunas, já que elas possibilitam uma quebra da monotonia durante o projeto, pois além de juntar duas colunas (de um total de três) para formar uma “falsa” composição de duas colunas, é possível diminuir suas larguras e criar recuos para uma das margens. Na análise de similares realizada, foi possível notar que todas as revistas analisadas também utilizavam a composição de três colunas. Deste modo, utilizando um respiro de 5mm entre as colunas definiu-se o uso de três (Figura 59).

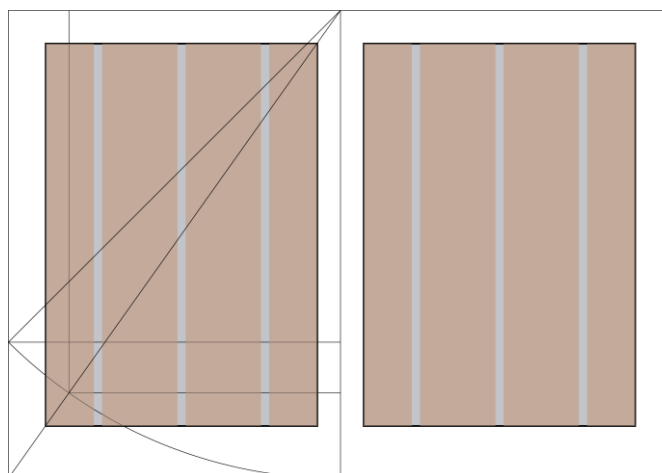
Figura 60 - Uso de três colunas

Fonte: o autor (2019).

Com o intuito de trazer ainda mais dinamicidade à diagramação optou-se por se fazer além da divisão de três colunas, mais uma divisão de quatro colunas com larguras diferentes, formando pares com o mesmo tamanho (Figura 60). Esse tipo de

diagramação também foi encontrado na análise de similares realizada, e segundo Furtado (2009) é um tipo de disposição que vem se tornando bastante comum e possibilita uma diagramação bastante atraente, com múltiplas opções de mobilidade, ocasionando bastante áreas de arejamento e alta legibilidade.

Figura 61 - Quatro colunas com larguras diferentes



Fonte: o autor (2019).

3.4.6 Tipografia

Para a doutora em comunicação e semiótica, Niemeyer (2010), o uso da tipografia em projetos de design gráfico deve levar como critério alguns importantes tópicos, como a legibilidade e leiturabilidade, por exemplo.

A legibilidade em um texto é o que possibilita a identificação de palavras, frases e significados para o leitor, fator determinante em projetos editoriais. Além disso, Niemeyer (2010) explica que a legibilidade também é afetada por outros fatores, como contraste entre tipo e fundo, iluminação e fadiga visual do leitor. Já a leiturabilidade é o que determina se o leitor consegue ou não compreender o conteúdo do material gráfico. Esse fator depende de como são trabalhados os espaçamentos entre letras e palavras, bem como as entrelinhas, o comprimento da linha e também a combinação das frases e as formas sob as quais elas são trabalhadas. Basicamente é o que possibilita o acesso à informação contida no texto.

A autora Niemeyer (2010) também dá destaque a outro item importante, a pregnância. Num projeto de revista podemos exemplificar com um olho, por exemplo.

É um texto que se destaca de tudo ao seu redor, sendo visível indiferentemente dos elementos que estão a sua volta. Quanto mais destaque esse texto tem perante o resto, mais pregnante ele é. Entendendo o conceito de pregnância, é possível entender a relevância da utilização de tipos distintos que possibilitem a diferenciação entre elementos textuais, como títulos, corpo de texto, palavras em destaque no texto, etc., sendo esse um fator que auxilia na hierarquização dos conteúdos.

A análise de similares mostra uma utilização predominante de fontes sem serifa nas revistas que mais se aproximaram do tipo de linguagem que se procura passar neste projeto. Embora o público seja de maior faixa etária que os das revistas analisadas, há a semelhança de que os textos não devem ser longos, fator que possibilita o uso de uma fonte sem serifa no corpo de texto do projeto, já que se entende que as fontes sem serifas podem dificultar a fluidez da leitura de textos mais compridos em materiais impressos. Outro ponto que defende o uso de não serifadas, é que a revista tem o intuito de buscar um ar mais contemporâneo, divertido e jovem, e fontes com serifas tem mais dificuldades em se comunicar desta forma, já que historicamente surgiram primeiro. Sendo assim, os estudos de tipografia para os elementos textuais do projeto editorial da revista “Aí, ó” serão voltados às fontes sem serifa.

Pensando na viabilização financeira do projeto, já que ele não será comercial, o uso de fontes gratuitas do Google se mostra uma oportunidade de diminuição de custo, não sendo assim necessário pagar pelos direitos de uso.

Dentre as fontes pesquisadas no site Google Fonts, foram selecionadas algumas fontes não serifadas para análise e seleção. Um fator importante na escolha foi o de que elas tivessem uma variedade grande em sua família tipográfica, possibilitando maior liberdade criativa em suas utilizações, ou seja, fontes sem variações foram automaticamente descartadas.

Para a realização da análise de tipografia aplicada em corpo de texto foram selecionadas as seguintes fontes: Lato, Open Sans, Krub, Mada, Noto Sans TC e Chivo. Todas foram testadas em tamanho de 10 pontos e entrelinha de 12 pontos (Figura 62).

Figura 62 - Comparativo de fontes para corpo de texto

Lato Regular	Open Sans Regular	Krub Regular
<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.</p>	<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.</p>	<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat,</p>
Mada Regular	Noto Sans TC Regular	Chivo Regular
<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.</p>	<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.</p>	<p>Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat,</p>

Fonte: o autor (2019).

As mesmas fontes foram apresentadas para utilização em títulos, chamadas e vinhetas (Figura 63).

Figura 63 - Comparativo de fontes para título, chamadas e vinhetas

Lato Bold	Mada Bold
O SINCRETISMO NA UMBANDA	O SINCRETISMO NA UMBANDA
Open Sans Bold	Noto Sans TC Bold
O SINCRETISMO NA UMBANDA	O SINCRETISMO NA UMBANDA
Krub Bold	Chivo Bold
O SINCRETISMO NA UMBANDA	O SINCRETISMO NA UMBANDA

Fonte: o autor (2019).

Todas as fontes testadas atenderam aos requisitos para utilização no projeto. Levando isso em consideração, optou-se por escolher, tanto para corpo de texto quanto títulos, chamadas e vinhetas, a fonte Lato (Figura 64). De acordo com o Google Fonts, o criador da fonte Lato, Łukasz Dziedzi, procurou desenvolver uma fonte bem “transparente” para corpos de texto, com elegância dada pelas proporções clássicas,

principalmente visíveis nas fontes maiúsculas, e ao mesmo tempo conseguiu construir uma fonte sem serifa. De acordo com o site, os detalhes semi-arredondados da tipografia trazem uma sensação de calor enquanto sua estrutura proporciona estabilidade e seriedade. A dualidade entre o calor e a seriedade são conceitos que bem se aplicam ao projeto da revista, já que embora o conteúdo traga assuntos socialmente sérios a serem tratados, a linguagem deve ser aconchegante e atrativa.

Figura 64 - Família tipográfica Lato



Fonte: o autor (2019).

3.4.7 Cor

Segundo a especialista em teoria das cores, Heller (2012), as cores não existem afastadas de seus significados. As cores possuem diferentes significados em diversos contextos, podendo ser entendidas de formas diferentes em cada ambiente, despertando sentimentos positivos ou negativos.










Para este projeto de revista, a marca delimitará as cores dos elementos da identidade visual da revista, bem como os elementos de repetição, por exemplo. Como já visto anteriormente, a cor da marca será definida em cada edição de revista, podendo variar de acordo com a necessidade do conceito da capa.

O miolo, juntamente com suas matérias, virá acompanhado de cores que se relacionem ao conteúdo proposto a ser apresentado. Como normalmente estará sendo apresentado assuntos com temática relacionadas à umbanda, pode-se buscar dentro do universo umbandista suas cores e seus significados.

Conforme já visto anteriormente, a umbanda tem uma grande significação para as cores. Cada entidade, orixá ou elemento, têm uma cor definida que diz respeito ao seu significado. Sendo assim, é plausível apresentar uma relação de cores baseada nas cores dadas aos orixás e entidades. Embora o significado possa ser variado de região para região, bem como de terreiro para terreiro, é possível encontrar noções comuns e definir um direcional para auxiliar no uso de cores para matérias com temas relacionados.

Júnior (2017), consegue conectar algumas cores aos seus respectivos orixás e elementos (Figura 65).

Figura 65 - Relação de cores, orixás e palavras

<p>Branco - Oxalá</p>  <p>Palavras: lírio branco, psíquico, ar, água de coco, pombo, caramujo, domingo, Sol, brilhante, Jesus Cristo.</p>	<p>Vermelho - Ogum</p>  <p>Palavras: cachorro, galo, manga, espada, sangue, fogo, terça-feira, ferro, aço, Marte, caminho, estrada, São Jorge.</p>	<p>Amarelo - Oxum</p>  <p>Palavras: espelho, sereia, água doce, rio, cachoeira, ouro, riqueza, beleza, vaidade, fertilidade, lírios, Vênus, coração, sábado, Nossa Senhora Aparecida.</p>
<p>Verde - Oxóssi</p>  <p>Palavras: mata, mato, caça, javali, arco, flecha, maracujá, terra, erva, mel, Vênus, Jurema, aves, São Sebastião, índio.</p>	<p>Marrom - Xangô</p>  <p>Palavras: tartaruga, carneiro, São Jerônimo, quarta-feira, fogo, Júpiter, pedra, pedreira, raio, trovão, machado.</p>	<p>Laranja - Iansã</p>  <p>Palavras: fogo, raio, tempestade, ventania, Santa Bárbara, Júpiter, espada-de-Santa-Bárbara, bambu, quarta-feira.</p>
<p>Azul - Iemanjá</p>  <p>Palavras: peixe, Lua, prata, mar, onda, sereia, rosas brancas, champanhe, Nossa Senhora dos Navegantes.</p>	<p>Roxo/Lilás - Nanã</p>  <p>Palavras: água profundas, cemitério, lama, pântano, barro, lodo, orquídea, cemitério, Mercúrio, Sant'Ana, segunda-feira.</p>	<p>Preto e Branco - Obaluaê</p>  <p>Palavras: cachorro, chagas, doença, pipoca, segunda-feira, terra, Saturno, chumbo, cemitério, palha, São Roque.</p>

Fonte: o autor (2019).

Ainda que possam ser delimitados alguns exemplos do uso de cor, não se pode definir como regra suas aplicações, já que não é possível delimitar todos os tópicos que serão abordados, ficando assim, livre o uso de cores de acordo com o conteúdo.

3.4.8 Elementos de Repetição

Para Samara (2011), uma revista possui alguns elementos que podem ser percebidos com recorrência, como por exemplo: manchetes/títulos, subtítulos, textos

correntes, vinhetas, fólios, olhos, box e legendas. Esses elementos auxiliam na localização do leitor e organizam as informações, além de serem elementos de fixação.

Dentre os elementos citados acima, alguns podem ser considerados elementos de repetição, pois aparecem num lugar fixo em todas ou quase todas as páginas. De acordo com Williams (1995), a repetição é um dos quatro princípios principais do design, pois dá consistência e unidade ao material gráfico.

Para a revista “Aí, ó”, decidiu-se que os elementos vinheta, fólio, olho e mais alguns componentes que auxiliam na direção de leitura no texto, se comunicariam com a marca da revista, trazendo alguns símbolos e cores da marca para dentro da revista, além da capa, com o intuito de fortalecer sua identidade visual (Figura 66).

Figura 66 - Elementos de repetição



Fonte: o autor (2019).

3.4.9 Capa

As primeiras alternativas de capa foram desenvolvidas para visualização de aplicações das opções de marca desenvolvidas, conforme mostrado anteriormente. Elas foram feitas com base nas revistas Superinteressante e Mundo Estranho, analisadas na pesquisa de similares.

Pensando em uma estética comercial, a logo ficaria ao lado esquerdo superior com hierarquias de chamadas principais, secundárias e terciárias, e uma capa com ilustração bastante chamativa (Figura 67). As ilustrações utilizadas nessas duas capas foram cedidas pelo ilustrador colaborador do projeto, Fabiano Vianna.

Figura 67 - Alternativas de capa 01



Fonte: o autor (2019)

De modo a fugir da estética comercial, já que a revista não será um produto para venda, mas sim com distribuição gratuita, optou-se por desenvolver novas propostas seguindo a identidade da marca e as obras de Rubem Valentim. Outro ponto importante, foi o de que para esta proposta se decidiu a não utilização de figuras muito representativas, como as imagens de Oxalá e Iemanjá das opções anteriores, por exemplo. Desta maneira é possível alcançar uma quantidade maior de pessoas curiosas que não se bloqueiem ao ver que as capas delimitam a um assunto religioso específico.

Explorando ainda mais a marca, o conceito de olhar e direção, juntamente com as formas geométricas feitas com referências nas obras de Valentim, buscou-se

instigar o leitor a folhear a revista através de uma “curiosidade imperativa”. É como se a capa estivesse mandando você olhar algo muito interessante que ela tem para mostrar (Figura 68).

Figura 68 - Alternativas de capa 02



Fonte: o autor (2019).

As capas desenvolvidas com referência nas artes de Rubem, reforçaram a identidade visual da revista, trazendo a ela uma cara única. Se forem analisadas as três alternativas produzidas em conjunto, é possível definir uma linha gráfica para as capas de diferentes edições. As cores chapadas e formas geométricas dão uma aparência moderna às capas, fator que pode facilitar a comunicação com o público-alvo jovem.

A marca “Aí, ó” fica em destaque em todas as composições, localizada próxima ou no centro ótico da página, sendo reforçada pelos elementos ao seu redor, que dão direção ao olhar através de setas. A identidade singular permite com que a marca não fique extremamente fixa, já que o reconhecimento pela revista se torna bastante conciso. Ela pode mover-se levemente enquanto altera seu tamanho de acordo com o necessário para a montagem da composição da capa.

Uma maneira de reforçar ainda mais a ideia da capa, é a possível interpretação dos elementos utilizados na composição. Os símbolos utilizados se aproximam à figuras representativas aos umbandista, como flechas, machados, tridentes, sol e lua, por exemplo. Deste modo, quem tem algum conhecimento sobre o assunto pode conseguir entender sobre o que se trata o material, ainda que

desconhecedores não consigam ter a interpretação sem conhecer, despertando um interesse sem possíveis preconceitos.

Dentre os elementos e conceitos essenciais para a criação dessas capas estão: sempre são baseadas nas obras de Rubem Valentim; há sempre 3 chamadas, sendo uma maior e principal, enquanto as duas outras são menores, sempre com seus títulos com cores e pesos diferentes das descrições que às acompanham; marca próxima ou no centro ótico; informação sobre ano, edição e distribuição com tamanho pequeno em local discreto; cores chapadas e elementos que direcionem à leitura da marca.

Dentre as alternativas desenvolvidas, as segundas alternativas de capa alcançaram níveis mais satisfatórios de conceito para a revista se levado em consideração o viés não comercial e sim instrutivo do material. Sendo assim, optou-se por escolher uma das três opções criadas, sendo a opção B a preferida para a primeira edição (Figura 69), pois reforça ainda mais os termos do nome da marca “Aí, ó”, através do conjunto entre as setas direcionais e o círculo envolto à marca, que reforça a ideia de olhar.

Figura 69 - Capa selecionada



Fonte: o autor (2019).

3.4.10 Apresentação e Sumário

Como em primeiro momento a revista “Aí, ó” não terá propagandas comerciais como modo de sobrevivência, decidiu-se que a segunda capa, local onde as demais revistas costumam anunciar, será dedicada para apresentar o intuito do projeto e seu conceito.

Optou-se por se seguir com a identidade visual da revista em páginas que sejam mais institucionais, bem como a página de apresentação e sumário (Figura 70).

Figura 70 - Apresentação e sumário



Fonte: o autor (2019).

O sumário foi projetado em uma ordem crescente de paginação com o título e um espaço para uma descrição de cada uma das matérias, que nesta primeira edição são um total de sete.

As duas primeiras páginas utilizam-se de cores da identidade utilizada na capa, bem como os elementos da marca, além de terem sido estruturadas no grid de três colunas. O fólio já está presente, bem como as vinhetas indicando o conteúdo geral das páginas.

3.4.11 Páginas Internas

A primeira página de conteúdo procura identificar o leitor com o conteúdo da revista, buscando fazer uma conexão sincrética entre as crenças, comunicando o respeito que deve se ter apresentando as semelhanças que se pode encontrar entre as religiões (Figura 71).

Figura 71 - Páginas 4 e 5



Fonte: o autor (2019).

É importante ressaltar que foi decidido que em primeiro momento, para este projeto, o conteúdo escrito da revista não seria realizado. Isso se dá por diversos motivos, como a falta de tempo hábil e a complexidade de se desenvolver um conteúdo apropriado para o trabalho dentro de um curso de design gráfico, que não oferece disciplinas textuais em sua matriz curricular. Por este motivo optou-se por designar apenas os títulos de matéria, de maneira a basear o projeto gráfico neles, enquanto o corpo de texto foi preenchido por *Lorem Ipsum*.

As ilustrações e fotografias presentes nessas primeiras páginas, e em todas as demais, foram autorizadas pelos seus autores para utilização na revista, desde que as devidas referências fossem dadas. São nove artistas participantes, quase em sua totalidade curitibanos. A escolha de uma maioria de artistas curitibanos surgiu da ideia

de valorizar o trabalho local e perceber a imensa diversidade de obras possíveis de se encontrar dentro da temática afro-brasileira, cada qual com seu estilo.

Com exceção da tirinha apresentada na página 4, criada pelo artista Rodrigo Gonçalves, cartunista cuiabano, todas as demais artes foram feitas por artistas atuantes na cidade de Curitiba. A tirinha faz parte de uma coletânea que futuramente irá resultar na publicação de um livro.

Os quadrinhos na página 4 conseguem trazer, logo no começo, a linguagem que se procura ter para a revista, com uma ilustração descontraída e em quadrinhos, foi possível alcançar o tom desejado. Reforçando essa ideia, aparece na página 5 uma ilustração do designer e ilustrador, Fabiano Vianna, representando o orixá Oxalá, sincretizado como Jesus Cristo. A imagem bem colorida e com muitos elementos prende muito a atenção e traz divertimento e interesse.

Para estas páginas utilizou-se o grid de 4 colunas e cores mais claras, como o azul claro e o branco, de modo a transparecer a pureza idealizada na figura de um ser sagrado e superior. Além disso, já podemos notar nestas páginas iniciais a diferenciação de pesos entre títulos e textos corridos, bem como a marcação em *bold* de palavras chaves no texto e também a presença repetida da vinheta, fôlio e elementos de localização de início, continuidade e finalização dos textos.

As páginas 6 e 7 trazem as fotografias do fotógrafo e modelo Rony Hernandez, que retrata na maioria de suas obras a militância negra e a representação dos corpos através do nu artístico. O intuito das fotografias nesta página, também diagramada numa página de 4 colunas, foi apresentar a ancestralidade e importância da cultura negra dentro da umbanda. Analisando essas páginas e também as quatro anteriores, é possível notar o contraste entre as páginas duplas, sendo comum em uma delas aparecer o fundo branco, enquanto a outra é colorida com alguma outra cor.

Figura 72 - Páginas 6 e 7



Fonte: o autor (2019).

As páginas 8 e 9 são as páginas centrais da revista, que dão título à chamada principal da capa (Figura 73). Com uma vinheta intitulada “mistérios”, o objetivo foi chamar atenção do leitor através do que não é comum a ele, como um trabalho de mata de um terreiro, por exemplo. Trabalho este, retratado pelas fotografias da fotógrafa Mônica Lachman, que possui um projeto chamado “Solos Sagrados”, onde fotografa-se os rituais de umbanda e candomblé.

Figura 73 - Páginas 8 e 9



Fonte: o autor (2019).

Por trata-se de um assunto ligado ao orixá Oxóssi, divindade das matas, uma das páginas tem predominância da cor verde e nas duas há elementos de padrão de fundo com folhagens. É possível notar também a presença de um olho, dando destaque a uma parte do texto, bem como a presença de subtítulos criando quebras de texto dentro do grid de 3 colunas.

As páginas 10 e 11 procuram explicar um pouco sobre a presença indígena dentro da religião umbanda (Figura 74), através das obras do artista plástico Rodrigo Nickel, representando um caboclo de Ogum, chamado Caboclo Seterê (predominância da cor vermelha na obra) e um caboclo de Oxóssi da tribo Tupinambá (predominância da cor verde).

Figura 74 - Páginas 10 e 11



Fonte: o autor (2019).

Além das obras encaixadas no grid de 4 colunas, criou-se uma faixa superior e inferior com elementos da logo de modo a simbolizar grafias corporais indígenas reforçando o conceito do conteúdo da página.

Com uma ilustração gigante, também do ilustrador Fabiano Vianna, que ilustra cenas dos rituais de umbanda e manifestações de cultura popular brasileira, as páginas 12 e 13 foram tomadas pela figura de São Jorge matando o dragão (Figura 75), sincretizado na umbanda como o orixá Ogum.

Figura 75 - Páginas 12 e 13



Fonte: o autor (2019).

Nestas duas páginas há uma tríade de cores predominantes, sendo vermelho, branco (cores comuns utilizadas para este orixá, principalmente nas cores de suas velas) e o preto. A diagramação foi feita também em um grid de 4 colunas e um elemento circular da logo foi posta acima da figura para representar o que viria a ser a lua de São Jorge.

Para as duas últimas páginas, também diagramadas no grid de 4 colunas, não seguiram as até então padrões páginas duplas que foram utilizadas desde o começo da revista. Sendo assim, na página 14 há um título de matéria que busca apresentar o Terreiro do Pai Maneco, o maior terreiro do Brasil, localizado no bairro Santa Cândida, em Curitiba. As fotos do terreiro foram feitas pelo fotógrafo Daniel Rebelo, com a autorização da dirigente do terreiro, Lucília Guimarães.

Já a página 15, busca trazer temas literários que poderiam contar as lendas dos orixás, que neste caso são Iemanjá (bloco de cor azul), e Oxum (bloco de cor amarelo), figuradas pelas ilustrações do designer e tatuador Thiago Galileu.

Figura 76 - Páginas 14 e 15

CURIOSIDADES

O maior do **Brasil**

♦ Olbus, is es del est, tenis audaerum sit odigendi con **consequis molorer** untibus aut allature volorum sus quam et harumque eos non num quidem. Nam atus quae. Qui aborest, quam net aliqui quamus nem doles alicidem non nulparumque net magnis nis **moluptia vendus**, odis lur, commodit, nientori none cus perum qui lus re am audant esequi de nobis expedit ommoluptam qui quantis exeseq uibusam aut laceste laccus et quia **lsta porruptae**.

Olbus, is es del est, tenis audaerum sit odigendi con **consequis molorer** untibus aut allature volorum sus quam et harumque eos non num quidem. Nam atus quae. Qui aborest, quam net aliqui quamus nem doles alicidem non nulparumque net magnis nis **moluptia vendus**, odis lur, commodit, nientori none cus perum qui lus re am audant esequi de nobis expedit ommoluptam et quia **lsta porruptae**.



FOTOS: Daniel Rebello

LITERATURA

O conto das **sereias**

IEMANJÁ

♦ Ribuscidas, odit untia vellant ulla dolores et ipsunt reptat es endem. Dunte parum, **sequiamet ut fuga**. Hendae pro blam volecum sinveli estrum dolendunt et quam, volupistia sin nosaestia volut re pos magnatur, is expet que verupta et autenimus, quam sintemquidio bene la sit veritica rcpid dparap itabet sur restrum apistum lica ne vit a pos **commodit lltalia** niscidempore dolestiam aut od.

OXUM

♦ Ribuscidas, odit untia vellant ulla dolores et ipsunt reptat es endem. Dunte parum, **sequiamet ut fuga**. Hendae pro blam volecum sinveli estrum dolendunt et quam, volupistia sin nosaestia volut re pos magnatur, is expet que verupta et autenimus, quam sintemquidio bene la sit veritica rcpid dparap itabet sur restrum apistum lica ne vit a pos **commodit lltalia** niscidempore dolestiam aut od ut omnis dolende nemquidita debis ellitibusia seronosed mo llati barreus et quante repra. Veni od quo tes apercimalo tem sant lita vid et aborerias am llic temo volasta vit ta volonimui nem rati **ommodigent re**, si omnis cupitate autem nussecto volonitiosa raqui dolorum.




ILUSTRAÇÕES: Thiago Galileu

Fonte: o autor (2019).

Finalizando a revista de 16 páginas, a última capa traz a identidade visual da banda Curitibana Paranambuco (Figura 77), apresentando o título do CD que tem como repertório os orixás da umbanda, chamado Orun Ayê. As artes foram desenvolvidas pelo artista plástico Bruno Romã e o designer Jean Felipe Schwab.

Figura 77 - Última capa



Fonte: o autor (2019).

A logo da banda fica em evidência na página, bem como o amarelo característico de sua identidade, juntamente com a figura do caboclo. A diagramação foi feita aqui em um grid de 3 colunas, onde consta também as plataformas digitais onde o CD se encontra disponível, bem como um texto que serve de marcação para inserir conteúdos que expliquem e divulguem o trabalho do grupo.

3.4.12 Substrato e Acabamentos

Para definir o substrato do material, avaliou-se primeiramente as especificações técnicas comuns para publicações de revistas, como já visto na análise de similares. Desta forma, para a capa optou-se por um papel mais resistente que o miolo, e com maior capacidade de duração, sendo um couchê fosco 150g/m², enquanto o miolo possui um papel *offset* com gramatura de 90g/m².

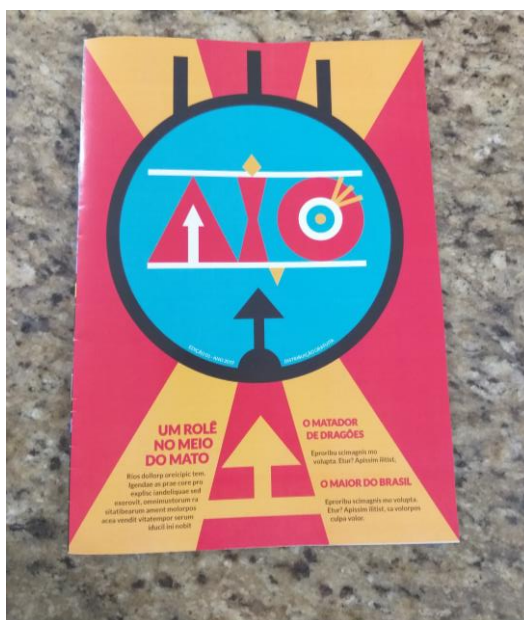
A escolha de um chouchê fosco para a capa e um papel *offset* para o miolo se deram devido ao menor índice de reflexo de luz nas páginas, possibilitando uma maior legibilidade do conteúdo.

Por questões de redução de custos, já que o projeto não há de ter retorno financeiro, com exceção da escolha de papel fosco para a capa, optou-se por não escolher acabamentos que excedam o necessário para a montagem da revista. Sendo assim, as seguintes especificações técnicas do material são: capa couchê fosco 150g/m²; miolo papel offset 90g/m²; refile reto; lombada canoa; dobra ao meio; grampo; cores 4x4; formato aberto: 40 x 28,2cm; formato fechado: 20 x 28,2cm; 4 lâminas.

3.5 EXECUÇÃO

Com o intuito de verificar a funcionalidade da revista, foi impresso um protótipo que buscou a redução de erros no produto final (Figura 78, 79 e 80).

Figura 78 - Protótipo capa



Fonte: o autor (2019).

Figura 79 - Protótipo miolo



Fonte: o autor (2019).

Figura 80 - Protótipo última capa

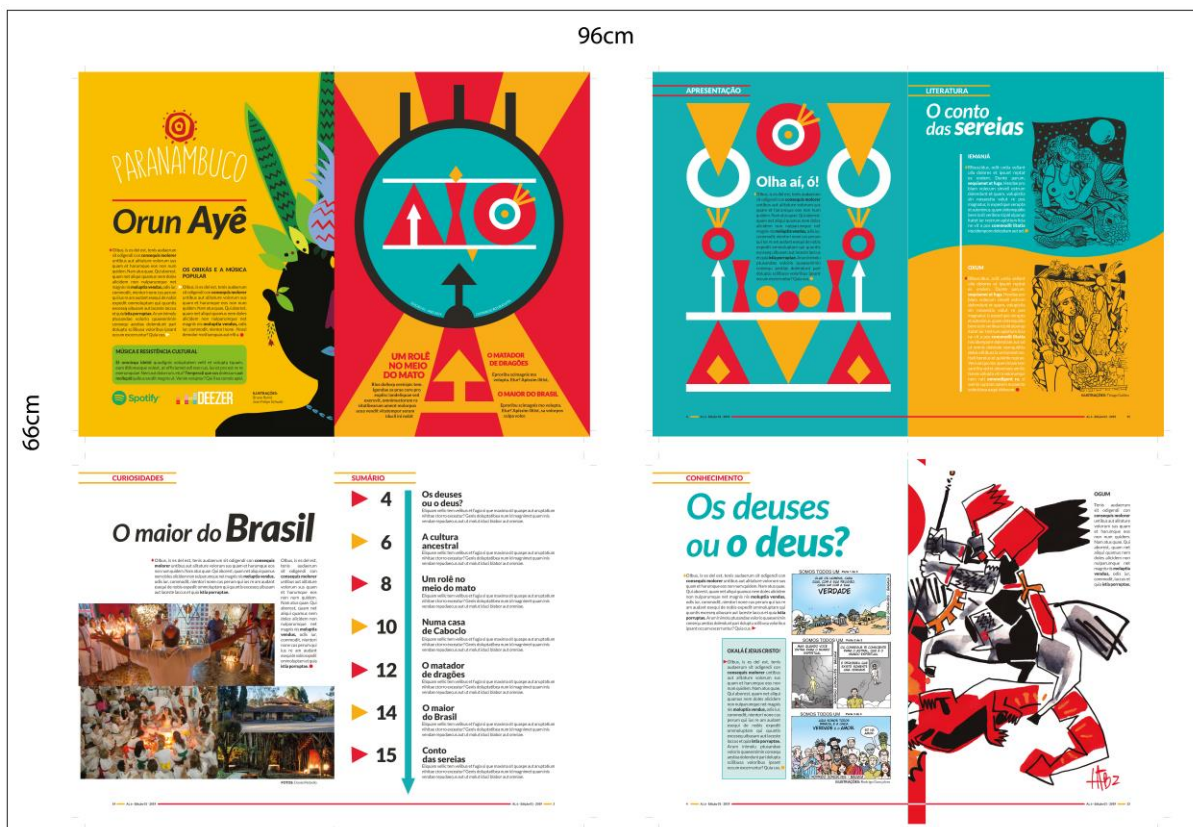


Fonte: o autor (2019).

A impressão para verificação foi importante, pois foi possível constatar alguns problemas de legibilidade que passaram despercebidos na criação, devido ao contraste de cor de fundo e cor de texto no fôlio e nas legendas, sendo viável a alteração antes de finalizar o projeto.

Neste tópico convém também explicar o aproveitamento de papel dentro do sistema padrão 66 x 96 cm. Com o formato definido para a revista é possível ter um aproveitamento de impressão de 4 lâminas por folha (Figura 81).

Figura 81 - Aproveitamento de papel



Fonte: o autor (2019).

3.6 VIABILIZAÇÃO E VERIFICAÇÃO FINAL

Para se estimar um custo de produção do material, foram feitos dois orçamentos em gráficas digitais com as especificações descritas anteriormente, dentro de uma tiragem de mil unidades da revista.

O orçamento realizado pela gráfica Copycity foi de R\$3.802,72, enquanto o da gráfica Malires foi de R\$2.670,00, saindo apenas R\$2,67 a unidade.

Referente ao tópico da metodologia de Merino (2016), verificação final, entende-se que ele não se aplica até este ponto proposto de desenvolvimento do projeto de TCC, pois só seria possível desenvolver e avaliar os tópicos designados após a produção final da revista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão do projeto o autor entende que a revista impressa sobre umbanda é apenas o primeiro passo para desvincular o preconceito ligado à religião, podendo expandir a informação posteriormente para outros meios, como a internet, por exemplo, focando principalmente em redes sociais que são lugares de mais fácil acesso atualmente.

Através de toda a pesquisa feita, foi percebido uma grande área, tanto em conteúdo informativo quanto em conteúdo artístico, a ser explorada em materiais gráficos, como foi o exemplo apresentado no trabalho dos artistas locais curitibanos que contribuíram para a realização do projeto. É notável a quantidade de material existente que pode ser divulgado de modo a levar informação e valorizar artistas locais. A facilidade e vontade em contribuir de todos os colaboradores foi excepcional para o desenvolvimento da revista.

Para o autor, a maior dificuldade do projeto foi o compilado de informações sobre a umbanda, embora o material bibliográfico sobre o assunto seja extenso, é de bastante trabalho conseguir unificar todo o conteúdo, principalmente quando é perceptível a diversidade de práticas e filosofias dentro de uma mesma religião.

Embora a pesquisa sobre umbanda tenha sido de muito trabalho ao autor, foi possível entender a diversidade cultural e a necessidade de expô-la aos brasileiros que à desconhecem.

É de vontade do autor proceder com a execução do projeto e viabilizar a criação dos conteúdos das matérias, bem como a impressão e distribuição da revista, sendo necessário encontrar financiamento para tal atividade.

5 REFERÊNCIAS

Agência Brasil - EBC. **Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso**, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso/>>. Acesso em: 13 de abr. de 2019.

Blog da Cidadania. **Bancada Evangélica ganha força e define suas 5 principais prioridades no Congresso**, 2018. Disponível em: <<https://blogdacidadania.com.br/2018/12/bancada-evangelica-ganha-forca-e-define-suas-5-prioridades-no-congresso/>>. Acesso em: 13 de abr. de 2019.

BONFIM, E. L. S.; NASCIMENTO, A. de J. **A Religião Africana e o Preconceito na Escola**. São Paulo: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós, 2017.

CAMARGO, Cândido P. F. de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.

CARYBÉ. **Iconografia dos Deuses africanos no candomblé da Bahia**. São Paulo: Raízes Gráficas, 1980.

CBN. **Criminosos obrigam mãe de santo a destruir próprio terreiro em Nova Iguaçu**, 2017. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/policia/2017/09/13/CRIMINOSOS-OBRIGAM-MAE-DE-SANTO-A-DESTRUIR-PROPRIO-TERREIRO-EM-NOVA-IGUACU.htm>>. Acesso em: 4 de abr. de 2019.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2016.

COSTA, Renilda A. **A construção da identidade nacional brasileira e as religiões de matriz africana: implicações no processo de constituição da identidade étnico-racial dos negros no Brasil**. São Cristóvão: TOMO, 2014.

CRUZ, Crystian. **CRYSTIAN CRUZ – Consultant in type & graphic design**, 2018. Disponível em: <<https://crystiancruz.myportfolio.com/brasileiro>>. Acesso em: 5 de junho de 2019.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: Uma Religião Brasileira**. São Paulo: Madras, 2010.

Extra. **Casa onde foi fundada a umbanda, em São Gonçalo, será demolida esta semana**, 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/casa-onde-foi-fundada-umbanda-em-sao-goncalo-sera-demolida-esta-semana-2682118.html>>. Acesso em: 4 de abr. de 2019.

Federação Espírita de Umbanda. **Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda**. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1941.

FONSECA, Denise P. R. da.; GIACOMINI, Sonia M. **Presença do Axé: Mapeando Terreiros do Rio de Janeiro**. São Paulo: Palas Athena, 2013.

FURTADO, André. **Projeto editorial para revistas**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GERENDA, Felipe; FEDEREZZI, Carla Link; HALPERN, Marcelo; MACHADO, Taís Lagranha. **O Moordboard como ferramenta metaprojetual**. Gramado: Blucher Design Proceedings, 2014.

Google Fonts. Disponível em: <<https://fonts.google.com/>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

Google Fonts. **Lato**. Disponível em: <<https://fonts.google.com/specimen/Lato>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: GG Brasil, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ISAÍÁ, Arthur C. **Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JÚNIOR, Ademir Barbosa. **Teologia de Umbanda e suas Dimensões**. São Paulo: Anúbis, 2017.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Umbanda no Brasil: orientação para católicos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1961.

LIRA, R. de. L.; MELO, M. do C. de. **Ensinar história com a religiosidade: Afrodescendentes e a lei n. 10.639/03**. Brasília: Revista Retratos da Escola, 2017.

MERINO, Giselle S. A. D. **GODP – Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos: Uma metodologia de Design Centrado no Usuário**. Florianópolis: NDG/UFSC, 2016. Disponível em: <www.ngd.ufsc.br>. Acesso em: 26 mar. 2019.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: Uma apresentação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

NUNES FILHO, Átila. **Antologia de Umbanda**. São Paulo: Ecoscientia, 1966.

ONU BR – Nações Unidas no Brasil. **ESPECIAL: A intolerância contra as religiões de matrizes africanas no Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/a-intolerancia-contra-as-religoes-de-matrizes-africanas2/>>. Acesso em: 30 de set. de 2016.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé: Sociologia das Religiões Afro-Brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2000.

PUFF, Jefferson. BBC – Brasil. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_ip_rm>. Acesso em: 30 de set. de 2016.

Revista Fórum. **Apeoesp: Bancada evangélica quer incluir criacionismo e excluir religiões de matriz africanas do currículo escolar**, 2016. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/06/02/bancada-evangelica-quer-incluir-criacionismo-e-excluir-religioes-de-matriz-africanas-do-curriculo-escolar-diz-presidenta-da-apeoesp/>>. Acesso em: 30 de set. de 2016.

RODRIGUES, Oscar M. **Religião e Intolerância: Uma Experiência Pibidiana**. Manaus: Revista Manduarisawa, 2018.

SACHS, Viola. **Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional**. Graal, 1988.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANTOS, E. P. dos. **A educação e as religiões de matriz africana: Motivos da intolerância**. GT Afro-brasileiros e Educação. Minas Gerais: UNILESTE, 2009.

SARACENI, Rubens. **O Guardião da Meia-Noite**. São Paulo: Madras Editora, 2009.

SARACENI, Rubens. **Rituais Umbandistas - Oferendas, Firmezas e Assentamentos**. São Paulo: Madras Editora, 2007.

SARACENI, Rubens. **Umbanda Sagrada: religião, ciência, magia e mistério**. São Paulo: Madras Editora, 2001.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revistas**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Fabíola A. T. de. **A Umbanda brasileira e a desconstrução de uma memória coletiva africana**. Anápolis: Revista de História da UEG, 2014.

WILLIAMS, Robin. **Design para Quem Não é Designer**. São Paulo: Callis, 1995.

APÊNDICE A – Resultado da pesquisa – Material Informativo: a umbanda como religião e identidade nacional

Carimbo de data/hora	Qual é seu gênero?	Qual sua idade?	Qual seu nível de escolaridade?	Você é umbandista?	Numa escala de 1 a 10, sendo 1 nada e 10 muito, o quanto você conhece sobre a Umbanda?
13/04/2019 19:21:42	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Mestrado	Não	3
13/04/2019 19:21:46	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	4
13/04/2019 19:22:00	Masculino	Entre 40 e 49 anos	Médio Completo	Sim	8
13/04/2019 19:26:43	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	5
13/04/2019 19:27:31	Masculino	Entre 40 e 49 anos	Superior Completo	Sim	10
13/04/2019 19:29:05	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Não	4
13/04/2019 19:33:40	Masculino	Entre 30 e 39 anos	Superior Completo	Não	6
13/04/2019 19:37:50	Feminino	Entre 30 e 39 anos	Superior Incompleto	Não	4
13/04/2019 19:53:41	Feminino	Entre 30 e 39 anos	Superior Incompleto	Sim	4
13/04/2019 19:53:42	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Mestrado	Sim	6
13/04/2019 20:01:08	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Sim	5
13/04/2019 20:12:23	Feminino	Entre 30 e 39 anos	Superior Completo	Não	2
13/04/2019 20:25:37	Masculino	Entre 30 e 39 anos	Superior Completo	Não	7
13/04/2019 20:25:57	Outro	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2
13/04/2019 20:38:14	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	5
13/04/2019 20:48:28	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Não	4
13/04/2019 20:52:11	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2
13/04/2019 20:53:52	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	4
13/04/2019 21:06:57	Feminino	Entre 30 e 39 anos	Médio Completo	Não	1
13/04/2019 21:15:52	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Pós Graduação	Não	4
13/04/2019 21:27:55	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2
13/04/2019 23:58:57	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Pós Graduação	Não	2
14/04/2019 00:23:58	Feminino	50 anos ou mais	Superior Incompleto	Não	5
14/04/2019 01:11:40	Masculino	Entre 30 e 39 anos	Superior Incompleto	Não	2
14/04/2019 01:56:53	Masculino	50 anos ou mais	Fundamental Completo	Não	4
14/04/2019 08:06:28	Masculino	Entre 40 e 49 anos	Superior Completo	Não	6
14/04/2019 08:09:14	Outro	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Sim	8
14/04/2019 11:22:26	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Não	6
14/04/2019 11:51:21	Feminino	Entre 30 e 39 anos	Médio Completo	Não	1
14/04/2019 12:00:15	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Sim	5
14/04/2019 12:32:57	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	4
14/04/2019 12:34:38	Feminino	50 anos ou mais	Fundamental Incompleto	Não	8
14/04/2019 12:43:40	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	6
14/04/2019 13:07:56	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	6
14/04/2019 13:08:05	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2
14/04/2019 14:33:50	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Superior Completo	Sim	6
14/04/2019 17:35:59	Masculino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2
14/04/2019 18:48:33	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Sim	8
14/04/2019 19:55:51	Feminino	Entre 40 e 49 anos	Médio Completo	Sim	7
14/04/2019 20:19:08	Feminino	Entre 19 e 29 anos	Superior Incompleto	Não	2

De acordo com o seu conhecimento apontado na pergunta anterior, assinale as alternativas do que você considera ser e/ou fazer parte da umbanda.	Você tem interesse em conhecer sobre a umbanda? Explique.
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira	Sim
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sim. Porque considero uma religião de riqueza cultural inestimável.
Religião brasileira, Culto aos orixás	Um pouco, mais para conhecimento próprio.
Macumbaria, Culto aos orixás, Religião africana	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sempre
Religião brasileira, Religião africana	Sim. Conhecer mais a religião contribui para a discussão sobre a diversidade religiosa e intolerância religiosa.
Macumbaria, Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	
Religião africana	Sim, sei muito pouco sobre a religião e tenho interesse para me informar melhor
Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	Não
Reverência a diversos deuses, Religião africana, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sim, interessante conhecer e agregar conhecimento pra desmistificar o senso comum
Culto aos orixás	Sim, por curiosidade.
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Manifestação de espíritos	Já estive em terreiro e gostaria de saber mais informações sobre a história.
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás	Sim. Acho que quanto mais conhecermos, mais podemos quebrar nossos preconceitos.
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso	
Religião brasileira	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Talvez, conhecer sobre como os espíritos ajudam as pessoas.
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sim. A umbanda é uma religião onde a expansão do conhecimento é incentivada, tanto no plano físico quanto no espiritual, então toda forma de adquirir conhecimentos é válida
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana	Sim, é uma religião com muitos mal entendidos sobre suas práticas e suas crenças, seria legal entende-la melhor e conhecer mais sua história
Religião africana	Não!
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso	Sim, já frequentei mas ainda não entendi completamente a religião.
Culto aos orixás, Religião africana	Tenho, por curiosidade
Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Não, por conta da minha idade.
Macumbaria, Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sim. Na verdade frequentei a Umbanda, mas sempre do lado da assistência. No entanto, me interessei muito por tudo e seus números simbólicos e significados. Acho pertinente a disposição de um trabalho referente a Umbanda.
Religião brasileira, Culto aos orixás	De verdade? Não. Não me importo com a religião alheia.
Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana	
Macumbaria, Religião brasileira, Reverência a diversos deuses, Culto aos orixás, Religião africana, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Sim, pois faz parte da cultura brasileira.
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	
Religião brasileira, Culto aos orixás, Sincretismo religioso, Manifestação de espíritos	Eu sou da umbanda. Me encontrar, mas antes eu tinha preconceito. Por isso acho muito legal que exista algo pra informar as pessoas. Pq hj sou eu que sou preconceito das pessoas..
Macumbaria, Religião brasileira, Culto aos orixás, Religião africana, Manifestação de espíritos	

Em que tipo de material você gostaria de conhecer mais sobre o assunto?		
Cartilhas Informativas		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Cartilhas Informativas		
Cartilhas Informativas		
Revistas Religiosas		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Revistas Religiosas		
Cartilhas Informativas		
Cartilhas Informativas		
Instagram!!!!		
Aplicativo ou emailmkt		
Livros		
vídeo no youtube		
Folders		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Livros		
Livros		
Redes sociais		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Livros		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Livros		
Livros		
Cartilhas Informativas		
Folders		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
Livros		
Vídeos		
Cartilhas Informativas		
Revistas de Curiosidade (exemplo: Superinteressante)		
mídias sociais		
Folders		
Cartilhas Informativas		
Cartilhas Informativas		
Cartilhas Informativas		
Livros		